

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC/SP

RAFAEL HENRIQUE DE LIMA

**A PERSUASÃO NO GÊNERO PREGAÇÃO SOB O ENFOQUE DA GRAMÁTICA
SISTÊMICO-FUNCIONAL**

MESTRADO EM LINGUÍSTICA APLICADA E ESTUDOS DA LINGUAGEM

SÃO PAULO
2013

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC/SP

RAFAEL HENRIQUE DE LIMA

**A PERSUASÃO NO GÊNERO PREGAÇÃO SOB O ENFOQUE DA GRAMÁTICA
SISTÊMICO-FUNCIONAL**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Sumiko Nishitani Ikeda.

SÃO PAULO
2013

Ficha catalográfica

Lima, Rafael Henrique.

A persuasão no gênero pregação sob o enfoque da Gramática Sistêmico-Funcional /

Rafael Henrique Lima; orientadora Sumiko Nishitani Ikeda.

- São Paulo, 2013.

80 f. : Il.

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2013.

1. Discurso Religioso. 2. Persuasão. 3. Mundo Textual.
4. Gramática Sistêmico-Funcional 5. Avaliatividade. I. Ikeda, Sumiko Nishitani. II. Título.

CDD 210.14

RAFAEL HENRIQUE DE LIMA

**A PERSUASÃO NO GÊNERO PREGAÇÃO SOB O ENFOQUE DA GRAMÁTICA
SISTÊMICO-FUNCIONAL**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem.

APROVADO: 01 de julho de 2013.

Prof.^a Dr.^a Sumiko Nishitani Ikeda (Orientadora) – PUC/SP

Prof.^a Dr.^a Elizabeth Del Nero Sobrinha - FMU

Prof.^a Dr.^a Sandra Madureira – PUC/SP

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, por ter me conduzido até a PUC/SP, e nela ter tido a oportunidade de conhecer a professora Sumiko Nishitani Ikeda, que me acolheu desde o primeiro instante e acreditou em mim. Sei que não foi o acaso, mas a mão condutora de Deus.

Sem dúvida, a professora Sumiko mereceria uma página inteira de agradecimentos por tudo o que fez e representa em minha vida. Faltam-me palavras para expressar minha sincera gratidão a esta mulher que extrapola os limites da docência, e revela-se como verdadeira amiga, incansável nos trabalhos, dedicada e responsável; a orientadora sonhada por qualquer orientando. Agradeço, infinitamente, em meu nome e em nome de todos os meus colegas que tanto a amam e admiram.

A meus pais e a meu irmão, que sempre me incentivaram e apoiaram. À minha namorada Amanda, que teve que abrir mão de muitos encontros comigo, para que eu pudesse finalizar esta pesquisa. Muito obrigado por tudo.

Aos meus colegas de classe, com quem pude dar muitas risadas durante as aulas. Sobretudo, às minhas duas grandes companheiras nesses anos: Piedade e Maísa. Sentirei saudade de vocês.

Destaco, também, alguns amigos que colaboraram na finalização deste trabalho: Willians Calazans, Cibele Marques e Alan Myke.

À Maria Lúcia por sempre me atender na secretaria do LAEL, quando precisava sanar alguma dúvida ou entregar um documento.

À CAPES, pela Bolsa Integral.

A todos os que participaram de alguma forma de mais esse momento marcante de minha história. Minha eterna gratidão!

RESUMO

O objetivo desta dissertação de mestrado é o exame crítico da persuasão que perpassa um discurso de pregação, de Edir Macedo, pronunciado em 28/06/2012. Há sempre muitas maneiras possíveis de representar um evento ou uma situação, mas uma representação específica dá a objetos, situações e eventos ambíguos, um significado específico. A análise linguística do discurso religioso é um campo recente na análise do discurso e na sociolinguística qualitativa, e focalizam a codificação linguística de práticas ritualísticas, tanto em interações pouco controladas quanto em gêneros católicos altamente institucionalizados: entre eles, homílias e sermões pregados por agentes religiosos legítimos (i.e. bispos e padres). A propósito, a força persuasiva do discurso religioso em geral, e de pastores evangélicos em especial, é impressionante e intrigante ao mesmo tempo. Contudo, como conseguem eles, por meio de analogias e citações de passagens bíblicas, convencer as pessoas a dar o passo que apaga o espaço que separa o fato mental da oração e a oferta concreta de dízimos? Há aí, além da força empática e carismática do pregador, a pouca defesa de que seus seguidores dispõem para avaliar a verdade de sua doutrinação. É nesse item que incide a minha preocupação, já que, como professor de Língua Portuguesa, percebo a importância da necessidade do posicionamento crítico em meus alunos, em relação a propagandas, discursos e promessas, aparentemente coerentes, mas plenos de falácias e raciocínios falhos. A pesquisa apoia-se na Gramática Sistêmico-Funcional, em cujo bojo encontram-se a Linguística Crítica e o sistema de Avaliatividade, explícita e implícita, que responde em grande parte pela criação de "mundos textuais" a favor da força persuasiva de um discurso. A análise mostrou que a pregação, na tentativa de persuadir os fiéis da IURD, apoiou-se na representação do significado do dízimo, ligando-o à necessidade de erguer um Templo, cuja idealização teria partido do próprio Senhor. Essa representação é legitimizada por Edir Macedo por meio do apoio em todos os tipos de legitimização possíveis: emoção, futuro hipotético, racionalização, vozeamento, altruísmo. Esses tipos, por outro lado, amparam uma argumentação que percorre todo o texto, e que conta com o enquadre mental dos ouvintes - a ideologia que permeia o discurso - com o fim evidente de manipulação. A análise mostra que recursos como o contrabando de informação, Avaliatividade implícita, falácia, e principalmente o

carisma e a habilidade do pregador contribuem decisivamente para a criação de um mundo textual que apoia a persuasão de seu discurso.

Palavras-chave: Discurso Religioso. Persuasão. Mundo Textual. Gramática Sistêmico-Funcional. Avaliatividade.

ABSTRACT

The subject of this Master's thesis is a critical analysis of how a persuasion took place during a preaching speech done by Edir Macedo, in June 28th, 2012. There are always many possible ways of representing the same event or situation, but one specific representation gives a specific meaning to things, situations and events. Linguistic analysis of a preaching is an emerging field both in analysis of the speech and qualitative sociolinguistics, and it focuses in linguistic codification into ritualistic practices, both in poorly controlled situations and Catholic genres, which are highly institutionalized, including homilies and other sermons given by legitimate religious (i.e. bishops and priests). Incidentally, the persuasive powers of religious speeches in general, and those given by evangelicals, particularly, are impressive and intriguing at the same time. However, how can they, through analogies and Bible passages, convince people to take the step that erases the space between the mental behavior of praying and the physical act of tithing? There are contained, not only empathetic and charismatic powers of the speaker, but also a lack of self-defense of their followers of describing what is true about their doctrine. Here is the item that my concern resides, since, as a Portuguese teacher, I'm aware about the importance of a critical positioning from my students, towards available advertisements, speeches and promises that are apparently consistent, but actually are plenty of fallacies and faulty reasoning. This research is supported by Systemic Functional Grammar, whose principles are found in Critical Linguistics and the implicit and explicit Appraisal System, that responds widely in the creation of "textual worlds" for the persuasive force in the speech. The analysis shows that the preaching, attempting to persuade the faithful of Universal Church of the Kingdom of God, was supported by the representation of the tithing meaning, attached by the need of building a Temple, whose idealization would have come from the Lord himself. This speaking was legitimized by Edir Macedo for using of all kinds of legitimization as possible: i.e. emotion, hypothetical future, rationalization, voicing, altruism. These aspects, on the other side, bolster the argumentation that comes along the text that is leaned on frame the audience – the ideological thing that permeates the speech - with the obvious purpose of manipulation. The analysis shows that resources, such as 'smuggling' information, implicit Appraisal, fallacy, and particularly, charisma and the

ability of the speaker contribute decisively to the creation of a textual world that support the persuasion of his speech.

Key-Words: Religious discourse. Persuasion. Textual World. Systemic Functional Grammar. Appraisal System.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Religiões no Brasil em números	17
QUADRO 2 – Relação Processos/Participantes/Circunstâncias.....	39
QUADRO 3 – Os subsistemas da Avaliatividade	42
QUADRO 4 – Redundância.....	43
QUADRO 5 – Tipos de Avaliatividade	43
QUADRO 6 – Resumo dos itens que integram a análise do discurso da pregação..	50

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 As religiões no Brasil	17
1.2 Igreja Universal do Reino de Deus	18
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	20
2.1 O Discurso Religioso	20
2.1.1 A Reversibilidade no Discurso Religioso	21
2.2 Gêneros do discurso	23
2.3 O discurso da pregação	24
2.4 Teoria de mundo textual como uma teoria do discurso	26
2.4.1 A Representação no Discurso	28
2.4.2 A Legitimização do Discurso	29
2.4.3 A Argumentação	33
2.4.4 A ideologia	34
2.4.5 A manipulação	35
2.5 A Gramática Sistêmico-Funcional	38
2.5.1 Os papéis sociais	41
2.5.2 A Avaliatividade ("Appraisal")	41
2.5.2.1 Os tokens de Atitude	43
2.6 As vozes do discurso	45
2.6.1 A Intersubjetividade	47
2.7 A Linguística Crítica	48
3 METODOLOGIA	51
3.1 Dados	51
3.2 Procedimentos de Análise	51
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	53
4.1 Verificação do Registro - contexto de situação	53
4.2 Análise da Transitividade e da Avaliatividade	53
4.2.1 Análise do Trecho 1	54
4.2.2 Análise do Trecho 2	55
4.2.3 Análise do Trecho 3	56

4.2.4 Análise do Trecho 4	57
4.2.5 Análise do Trecho 5	59
4.2.6 Análise do Trecho 6	60
4.3 Discussão Geral da Análise	62
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
REFERÊNCIAS	66
ANEXO A – ORAÇÃO	79

1 INTRODUÇÃO

A força persuasiva do discurso religioso em geral, e de pastores evangélicos, em especial, é, para mim, impressionante e intrigante ao mesmo tempo. O poder argumentativo de suas pregações é inegável, seu efeito atinge multidões (Veja mais abaixo os dados numéricos a respeito.). Contudo, como conseguem eles, por meio de analogias a passagens bíblicas, convencer as pessoas a dar o passo que apaga o espaço que separa o fato mental da oração e a oferta concreta de dízimos? Além disso, esse apelo ao chamado "vil metal" é, muitas vezes, feito de modo inteiramente explícito, como na pregação de Edir Macedo, bispo da Igreja Universal do Reino de Deus: "quem não der, fica" e "quem der, vai pra frente". Nesse contexto é importante a noção de *reversibilidade*, presente em discursos autoritários, em que o ouvinte e o locutor são totalmente capturados pela palavra (ORLANDI, 1996).

A análise linguística do discurso religioso é um campo recente na análise do discurso e na sociolinguística qualitativa, diz Bonnin (2011). Muitos desses estudos foram conduzidos sob o ponto de vista etnográfico, com a participação do observador nos eventos discursivos. Howard-Malverde (1998), Dzameshie (1993, 1995) e Du Bois (1986) focalizam a codificação linguística de práticas ritualísticas, tanto em interações pouco controladas, quanto em gêneros altamente institucionalizados: entre eles, homílias e sermões pregados por agentes religiosos legítimos (i.e., bispos e padres).

Dentro desse campo de pesquisa crescente, continua Bonnin, podem-se notar artigos que, além das feições textuais que caracterizam o gênero da pregação, focalizam as relações estabelecidas entre o discurso religioso e outros tipos de discurso. Arnoux (2004), Arnoux e Blanco (2003), Arnoux e Bonnin (2011) e Bonnin (2006, 2009, 2011) analisam diferentes corpora de textos que apresentam uma tensão constitutiva entre traços políticos e religiosos, produzidos por padres, bispos e políticos.

Pode-se representar um evento de várias maneiras, mas certas representações atribuem significados específicos a esse evento, segundo Chang e Mehan (2006). A política da representação responde pela produção de situações em que significados ambíguos são destilados para fazer valer um desejado e o faz prevalecer (MEHAN; SKELLY 1988; MEHAN; NATHANSON; SKELLY, 1990;

MEHAN, [1993] 2000; MEHAN; ROBERTS, 2001 apud CHANG; MEHAN, 2006). É assim que "tentativa de morte" pode-se tornar-se uma definição dominante para, por exemplo, "dar um soco", e a inscreve no discurso institucional do momento, na memória coletiva das pessoas, nos livros-texto de história ou em registros legais.

Chang e Mehan, tratando da mídia de massa americana, mostram que na institucionalização de rótulos de entidades, eventos e situações históricas e políticas, tais como, "interesse nacional", "interesse especial", "defesa", "terrorismo" e "processo de paz", nem sempre é suficiente compará-los com seu oposto. Sobre assuntos que não recebem muita atenção do público, dizem os autores, a simples linguagem, embora não condizente com os fatos, pode ser suficiente para manipular as massas.

O processo da representação no discurso recorre à legitimação para sua justificação, significado que se incorporou ao termo "*legitimus*", do latim, segundo os autores. Legitimação significa tornar algo legal ou legalizado, fato que ocorre, por exemplo, no processo pelo qual os falantes dão crédito à Bíblia, ou licenciam um tipo de comportamento social (mental ou físico).

A legitimação atua por meio de argumentos que explicam as ações, ideias, pensamentos, declarações sociais. Tais argumentos apoiam-se em associações que o falante traz para o discurso, graças a enquadres mentais - conjuntos de informações aceitos culturalmente, que acompanham qualquer termo lexical -, e que o fazem aceitar ou negar o posicionamento atitudinal do falante ao avaliar pessoas, ações e eventos (LUCHJENBROERS; ALDRIDGE, 2007), com base em sua experiência e em seu conhecimento das normas sociais que determinam essas escolhas lexicais, ou seja, da ideologia, ou seja, o conjunto de ideias, pensamentos, doutrinas ou visões de mundo de um indivíduo ou de um grupo, orientado para suas ações sociais (BANKS, 2005).

Nesse contexto, a noção de intersubjetivismo pode explicar o modo como esses enquadres mentais podem ser levados em conta na manipulação do ouvinte. Assim, a atitude no discurso, diz Kärkkäinen (2006), não é a apresentação linguística transparente de 'estados internos' de conhecimento, mas emerge da interação dialógica entre interlocutores. Assim, a atitude é mais apropriadamente vista de um ponto intersubjetivo, e não considerada primordialmente como uma dimensão subjetiva da linguagem.

Todos esses elementos contribuem para a criação de um "mundo textual" (DOWNING, 2003), um mundo construído no discurso, nem sempre condizente com o mundo factual, que contribui para a efetivação da persuasão que perpassa o discurso. A fim de trazer, para o nível da consciência, os padrões de crenças e valores codificados na língua – que estão subjacentes ao texto, apoio-me na Linguística Crítica e, para tanto, levo em conta a afirmação de Kitis e Milapides (1997, p. 557):

embora se afirme que a linguística crítica deva examinar a língua como discurso, i.e., como texto dentro de condições sociais de produção e interpretação, para ser independentemente identificado e examinado já que o texto está subordinado a elas (FAIRCLOUGH, 1992; HODGE; KRESS, 1988), nós afirmamos que através de uma análise linguística, empregando todos os métodos e instrumentos que a disciplina oferece, podem-se revelar essas condições.

Assim também manifestam-se Lee (2008) e Li (2010). Li focaliza a relação entre escolhas de certas formas linguísticas e as ideologias e relações de poder que subjazem a essas formas. Guiada por propostas da Análise do Discurso Crítica e com o apoio do contexto analítico oferecido pela Gramática Sistêmico-Funcional (GSF), de Halliday (1994), Li examina a Transitividade e a coesão lexical. Lee, por sua vez, também com base na GSF, relaciona questões estruturais da produção escrita com as escolhas no sistema linguístico com vistas à consideração de dimensões interpessoais do texto, que, para ela, não têm merecido a devida atenção. É este também o meu posicionamento em relação à análise do discurso da pregação, enfocando as escolhas léxico-gramaticais feitas pelo pregador para persuadir os fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus.

O objetivo desta dissertação de mestrado é o exame crítico da persuasão que percorre, via construção de um "mundo textual", o discurso de pregação de Edir Macedo, "Oração". A pesquisa deverá responder às seguintes perguntas: (a) de que recursos persuasivos se vale o discurso de Edir Macedo para construir um "mundo textual"?; (b) como pode a Linguística Crítica, com base na análise da microestrutura do texto, por meio da GSF, desconstruir esse mundo textual? A análise do texto de Edir Macedo tem o apoio da GSF, com enfoque nas metafunções Ideacional e Interpessoal.

Há muitos trabalhos sobre a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), presentes na *Internet*, envolvendo pesquisadores de várias universidades

brasileiras¹: teses (MOREIRA, 2010; OLIVEIRA, 1998), TCC (OLIVEIRA, 2004); comunicações (PATRIOTA et alii, 2006; SWATOVISKI, 2005; ZACARIOTTI; BEZERRA, 2007), publicações (SOUSA; ALVES, 2010; LACERDA, 2008; TORRESAN, 2007; MONTEIRO, 2010). Desses, apenas um, o de Moreira (2010), intitulado: "Estratégias discursivas de persuasão no discurso religioso da Igreja Universal do Reino de Deus: uma análise sistêmico-funcional" recorre à GSF, para a análise desse discurso, enfocando o Compromisso, um subsistema da Avaliatividade.

Todos esses recursos que estão contidos na macroestrutura do texto puderam ser detectados por meio da análise da sua microestrutura, por meio da Transitividade, da Avaliatividade e dos papéis projetados sobre os Participantes, apoio propiciado pela Gramática Sistêmico-Funcional.

Esta dissertação de mestrado está assim estruturada: Capítulo 1. Introdução; 2. Fundamentação Teórica, enfocando questões referentes à criação do "mundo textual" tendo em vista à persuasão do discurso da pregação, bem como as escolhas léxico-gramaticais que realizam essa criação, de acordo com a Gramática Sistêmico-Funcional e as contribuições que a teoria tem recebido ao longo dos anos, como a Avaliatividade e a Análise Crítica; 3. Metodologia, incluindo a descrição dos Dados da pesquisa, bem como os Procedimentos de Análise; 4. Análise e Discussão dos Resultados; terminando com as Considerações Finais e as Referências.

Antes de iniciar a parte teórica, apresento o contexto em que se insere a minha pesquisa, tratando: (i) das religiões em geral, no Brasil; (ii) da Igreja Universal do Reino de Deus, em especial, na qual aconteceu a pregação de Edir Macedo, que será objeto desta dissertação de mestrado.

¹ Estratégias discursivas de persuasão no discurso religioso da Igreja Universal do Reino de Deus: uma análise sistêmico-funcional (MOREIRA, 2010); A Igreja Universal do Reino de Deus: Uma análise de argumentação em perspectiva discursiva (OLIVEIRA, 1998); A IURD no Brasil: O discurso legitimador do bispo Edir Macedo (OLIVEIRA, 2004); Fala que eu te escuto: O discurso midiático dos Pastores da Igreja Universal (PATRIOTA et alii, 2006); Caminhos discursivos de Edir Macedo; (SWATOWISKI, 2005); O Show, a Graça e a Mídia: Análise do Discurso do Programa do Descarrego (ZACARIOTTI; BEZERRA, 2007); A religião na mídia: Uma análise de discurso e argumentação do programa Show da Fé (SOUSA; ALVES, 2010); Igreja universal do reino de deus - Relações de poder e jogos de verdade (LACERDA, 2008); A manipulação no discurso religioso (TORRESAN, 2007); A informação mediada por meio da biografia de Edir Macedo: Entre a formação discursiva e a ciência da informação (MONTEIRO, 2010).

1.1 As religiões no Brasil

Segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), o aumento no número de evangélicos é proporcional ao crescente declínio da religião católica, que perdeu 9,4% de fiéis em relação ao Censo de 1991. Em aproximadamente um século, a proporção de católicos na população brasileira variou 7,9 pontos percentuais, reduzindo de 99,7%, em 1872, para 91,8% em 1970. Desde então, os dados censitários do IBGE mostram que a religião passa por uma fase de declínio: nos últimos dez anos, os católicos passaram de 73,6% para 64,6%.

Esta redução no percentual de católicos ocorreu em todas as regiões, mantendo-se mais elevada no Nordeste (de 79,9% para 72,2% entre 2000 e 2010) e no Sul (de 77,4% para 70,1%). A maior redução ocorreu no Norte, de 71,3% para 60,6%, ao passo que os evangélicos, nessa região, aumentaram sua representatividade de 19,8% para 28,5%. O menor percentual de católicos foi encontrado no Estado do Rio de Janeiro: 45,8% em 2010. O maior percentual pertence ao Piauí, com 85,1%.

Até o início da década de 90, os evangélicos representavam apenas 9% do contingente populacional, dos quais a maioria era de origem pentecostal. Com a expansão das igrejas evangélicas pelo país e a veiculação de programas religiosos nas emissoras de televisão, tal índice subiu 44,16%.

A maior concentração de evangélicos foi registrada em Rondônia (33,8%), e a menor no Piauí (9,7%). A pesquisa mostra ainda que 60% são de origem pentecostal, 18,5%, evangélicos de missão e 21,8 %, evangélicos não determinados. Os religiosos consideram que o Brasil possui a maior concentração mundial de evangélicos de origem pentecostal. Veja, no Quadro 1, o número de adeptos de cada religião, no Brasil:

Quadro 1: Religiões no Brasil em números

Católicos	Evangélicos	Sem religião	Espíritas	Umbandistas	Candomblé
123 milhões	42,3 milhões	15 milhões	3,8 milhões	407 mil	167 mil

Fonte: <http://teen.ibge.gov.br/en/noticias-teen/3350-novo-papa>

Dados do Censo 2010 mostram que a *Igreja Universal do Reino de Deus* está perdendo fiéis para outras igrejas evangélicas do segmento pentecostal, tais como a

Mundial do Poder de Deus e a *Assembleia de Deus*. A instituição religiosa fundada pelo bispo Edir Macedo teve uma baixa de quase 230 mil adeptos em comparação com o Censo Demográfico de 2000, e passou de 2,102 milhões para 1,873 milhões - diminuição de mais de 10,8% de seu público.

Já a *Mundial do Poder de Deus*, criada pelo ex-pastor da Universal e desafeto de Edir Macedo, Valdemiro Santiago - investigado pela Receita Federal após acusações de enriquecimento ilícito, feitas pela Rede Record, emissora que pertence à Universal -, conseguiu arregimentar 315 mil fiéis, e pela primeira vez consta na relação de igrejas consideradas pelo Censo. Uma reportagem da Folha de São Paulo mostrou como o "discurso milagreiro" da igreja de Valdemiro Santiago vem conseguindo atrair seguidores de outras instituições evangélicas, em especial os da Universal. Estima-se que 30% do público da Mundial do Poder de Deus vieram da igreja criada por Edir Macedo.

1.2 Igreja Universal do Reino de Deus

A Igreja Universal foi fundada em 1977, na zona norte da cidade do Rio de Janeiro, onde antes funcionava uma pequena funerária. Em menos de três décadas, transformou-se no mais surpreendente e bem-sucedido fenômeno religioso do país, atuando de forma destacada no campo político e na mídia eletrônica. Nenhuma outra igreja evangélica cresceu tanto em tão pouco tempo no Brasil. Em 1985, com oito anos de existência, já contava com 195 templos em catorze Estados e no Distrito Federal. Dois anos depois, eram 356 templos em dezoito Estados. Em 1989, ano em que começou a negociar a compra da Rede Record, somava 571 locais de culto. Entre 1980 e 1989, o número de templos cresceu 2.600%.

Nos primeiros anos, sua distribuição geográfica concentrou-se nas regiões metropolitanas do Rio de Janeiro, de São Paulo e de Salvador. Em seguida, expandiu-se pelas demais capitais e grandes e médias cidades. Na década de 1990, passou a cobrir todos os Estados do território brasileiro, período no qual logrou uma taxa de crescimento anual de 25,7%, saltando de 269.000 (dado certamente subestimado) para 2.101.887 adeptos no Brasil, de onde se espalhou para mais de

oitenta países. Em todos eles, conquista adeptos majoritariamente entre os estratos mais pobres e menos escolarizados da população.

Outro fator importantíssimo do acelerado crescimento da Universal consiste em sua acentuada capacidade de arrecadar recursos, superior à das demais igrejas, como comprovam dados da pesquisa Novo Nascimento, realizada no Grande Rio de Janeiro pelo Instituto Superior de Estudos da Religião (ISER apud FERNANDES, 1996). Ao indagar os fiéis sobre a contribuição financeira que fizeram num determinado mês de 1994, a pesquisa do ISER revelou que os adeptos da Universal contribuíam mais e em maior proporção do que os da Assembleia de Deus: 27% dos fiéis da Universal fizeram doações que ultrapassaram o valor do dízimo contra apenas 14% dos assembleianos; 17% dos seguidores de Macedo doaram quantias menores que o dízimo contra 25% da Assembleia; 24% dos primeiros não deram contribuição alguma contra 33% (um terço) dos últimos; houve empate apenas entre os que contribuíram valor equivalente ao dízimo: 24% e 23%, respectivamente (Fernandes, 1996, p. 39).

Dentre as igrejas pesquisadas pelo ISER, os fiéis da Universal foram os que mais contribuíram com valores acima do dízimo, os que menos fizeram doações inferiores ao dízimo e, apesar da baixíssima renda da maioria deles, os que menos deixaram de contribuir. Cabe destacar que, dos crentes cuja renda não ultrapassava dois salários mínimos, os da Universal foram os que mais doaram quantias superiores à décima parte de sua renda: 35% contra 20% da média dos evangélicos.

Quanto a essa disparidade, observa-se que pastores da Universal ensinam a seus adeptos que eles devem doar dízimos com base na renda que desejam receber, que é, em geral, superior a que recebem de fato (FERNANDES, 1996).

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Antes de apresentar as teorias que fornecem as categorias de análise do texto de pregação de Edir Macedo, decidi incluir aqui, e não juntamente com as explicações dadas acima, os itens seguintes: (i) o discurso religioso; (ii) a reversibilidade no discurso religioso; (iii) os gêneros do discurso; e (iv) o gênero da pregação, já que eles, embora se liguem a questões religiosas ou a elas relacionadas, apresentam estreita relação com as minhas categorias de análise.

2.1 O Discurso Religioso

As relações estabelecidas entre o discurso religioso e outros tipos de discurso não podem ser entendidas por meio da enumeração de traços linguísticos formais, segundo Bonnin (2011). Pelo contrário, elas emergem na confluência de práticas discursivas e atores sociais que se dizem exclusivamente religiosos ou políticos. Essas distinções, feitas pelos próprios falantes, são cruciais, pois a admissão da natureza mista de seus enunciados envolve uma deslegitimação de suas posições em seus respectivos campos.

Assim, por exemplo, uma das principais características do discurso católico é que, embora produza *efeitos políticos* em termos de recepção, ele se apresenta como não-político ou mesmo anti-político (BONNIN, 2009, 2011). Como resultado, o *discurso* político-religioso não é um *texto* político, e pode, assim, assumir conteúdo religioso que não seria legitimado na arena política. A mesma observação é feita por Fairclough (1995), que analisa uma carta pastoral crítica da Conferência Nacional de Bispos Católicos dos EUA sobre armas nucleares, sob a administração Reagan. Fairclough afirma que, empregando o gênero religioso "eles podem inserir um discurso moral autoritário, não-mitigado, o que seria difícil se eles estivessem endereçando abertamente (incluindo o governo)" (FAIRCLOUGH, 1995, p. 204).

Bonnin explora algumas das complexidades do discurso político-religioso na Argentina por meio de um estudo de caso, selecionado intencionalmente por sua excepcionalidade, mas recontextualizando-o em uma série de práticas regulares bem conhecidas. Assim, pode-se observar, sem preconceitos, o lugar onde estão as

diferenças, os procedimentos empregados para a sua naturalização e os limites dentro dos quais o discurso pode ser representado como uma prática social diferente, até oposta.

O conceito de *recontextualização* pode ser entendido de dois modos similares, porém diferentes, diz Bonnin. De um lado, Linell (1998) define-o como "a transferência-e-transformação dinâmica de algo de um discurso/texto-em-contexto para outro" (LINELL, 1998, p. 144-5), como uma especificação do princípio dialógico de Bakhtin, que afirma que "nenhuma mensagem linguística, nenhum pensamento ou intenção, existe sem um contexto" (BAKHTIN, s/d, p. 145, apud Linell, 1998). Esse conceito tem sido empregado para entender os modos pelos quais atores sociais atualizam gêneros previamente conhecidos em novos contextos, como no caso de um candidato a emprego que traz para o contexto da entrevista discursos de outras partes de sua vida, de experiências profissionais anteriores para a vida privada (SCHEUER, 2001, apud LINELL, 1998).

Por outro lado, Van Leeuwen (2008) oferece uma definição mais radical: o discurso é a recontextualização de prática social como um modo de cognição social e modos sociais específicos de "conhecer as práticas sociais [que] podem ser, e são, usadas como recursos para a representação de práticas sociais em texto" (p. 6). E essa representação envolve sempre uma avaliação das práticas sociais representadas, sendo ela mesma uma prática social.

Em termos metodológicos, há recursos linguísticos para representar a ação social, incluindo seus componentes referentes a atores sociais, a ação ela mesma, tempo e espaço, ambos em termos linguísticos e não-linguísticos (e.g. visual). Esse tipo de representação é produzido sempre em termos de uma forma conhecida, baseada no conhecimento compartilhado, capaz de torná-lo compreensível por meio de uma sequência de atividades comunicativas, isto é, o gênero.

2.1.1 A Reversibilidade no Discurso Religioso

Em sua pesquisa sobre tipos de discurso, Petean (2006), apoia-se em Orlandi (1996), que distingue três tipos de discursos, diz o lúdico, o polêmico e o autoritário. O critério adotado para a distinção desses discursos é a relação entre o referente (objeto do discurso) e os interlocutores (locutor e ouvinte). Nessa distinção, é

fundamental a noção de *reversibilidade*, continua a autora, pela qual não se pode fixar o locutor no lugar do locutor e o ouvinte no lugar do ouvinte, o que lhes permite transpor o seu lugar de origem.

A partir da noção de reversibilidade, decorre a dinâmica própria a cada discurso: o polêmico a realiza sob certas condições; o lúdico pode suspendê-la; e o autoritário tenta anular essa possibilidade. Neste, a reversibilidade é estancada, segundo Orlandi, porque o ouvinte e o locutor são totalmente capturados pela palavra. Mas essa ausência é uma ilusão, e é o que sustenta esse tipo de discurso, diz a autora. Tipos de discursos autoritários são: o discurso pedagógico e o discurso religioso.

Segundo Petean, para Althusser (2001), o sujeito único e absoluto (Deus) é distinto dos sujeitos interpelados e que o discurso religioso é aquele em que fala a voz de Deus. A voz do padre, do pastor ou pregador é a voz de Deus. Daí termos os “representantes de Deus na terra” como seus interlocutores-interpelados. Apaga-se, desse modo, diz Althusser, qualquer possibilidade de um sujeito-leitor (das Escrituras).

Quanto a essa questão, Orlandi (1996, p. 245) diz que o discurso religioso não apresenta autonomia, já que é a voz de Deus, da qual, o pregador, como seu representante, não tem poder para modificá-lo. Além disso, a relação do representante com a voz de Deus é regulada pelo texto sagrado, pela igreja e pelas cerimônias.

Em sua materialidade ideológica, esse discurso, cujo objetivo é capturar o indivíduo livre e assujeitá-lo a um poder superior, caracteriza o indivíduo como sendo livre, e assim é interpelado por Deus para que livremente aceite sua coerção a um poder superior (ele próprio, Deus, é o poder superior), conforme Orlandi (1996).

Para entender melhor esse processo discursivo que impede a reversibilidade é fundamental a distinção entre os lugares sociais no discurso religioso. O lugar social de Deus é o espiritual e o lugar dos sujeitos-cristãos interpelados é o plano material. Orlandi (1996, p. 243) afirma que:

Esse reconhecimento do lugar de Deus e dos humanos (sujeitos-cristãos) é um dos efeitos de sentido do discurso religioso. O enunciado: “No principio era o verbo e o verbo estava junto de Deus e o verbo era Deus. Todas as coisas foram feitas pelo verbo e sem ele nada foi feito”, comporta uma cosmologia cujo efeito é o reconhecimento, por parte do homem, interpelado, de que existe um poder que lhe é superior e ao qual ele deve se submeter.

Os enunciados “Deus tem poder”, “o poder da palavra de Deus” e “o poder de Deus” (comuns nos discursos dos neopentecostais), diz Orlandi, garantem o efeito de sentido no discurso religioso. Fica garantido o reconhecimento, por parte do ouvinte, da existência de um poder superior a ele e ao qual ele deve se submeter. Diante desse poder o homem reconhece sua nulidade, reconhece não ser mais que uma criatura (ELIADE, 2001). O poder, reconhecido e, assim constituído, situa-se, na formação discursiva religiosa, no lado do plano espiritual (Deus).

A ilusão da reversibilidade é a possibilidade de não fixarmos o locutor no lugar do locutor e o ouvinte no lugar do ouvinte. No discurso religioso seria a possibilidade de passarmos do plano espiritual para o temporal ou vice-versa. Dessa forma, como nos diz Orlandi (1996), a ilusão pode ter duas formas: quando Deus divide com os homens suas propriedades (através da graça), ou quando o homem se alça até o mundo espiritual.

2.2 Gêneros do discurso

Gêneros do discurso não consistem em uma simples classificação de textos em termos de traços linguísticos e textuais comuns. Seguindo Bauman (2001) e Rampton (2006, p. 30-1), podem-se defini-los como um conjunto de expectativas convencionalizadas que os participantes usam para construir a atividade comunicativa em que estão engajados e “fazer sentido” (BLOMMAERT, 2008, p 425-451.). Como tal, as expectativas criadas pelo gênero podem ou não coincidir com a atividade, e esse fato torna-se um foco na luta política ou ideológica (RAMPTON, 2006, p. 31). As distinções de gênero são significativas para os falantes, e a *rotulação* de gênero é, assim, um procedimento discursivo significativo. Adam e Heidmann (2004) definiram essa rotulação como meio de relacionar textos com *categorias abertas* - os próprios gêneros - de modo a tornar uma sequência de

enunciados inseparável da sequência de textos. Em outras palavras, já que existe um texto - isto é, a aceitação do fato de que uma série de enunciados conforma-se com a unidade de comunicação - há um efeito de genericidade (*effet de généricité*) - isto é, a inclusão dessa série de enunciados na classe de discurso: "genericidade é uma necessidade sociocognitiva que liga todo texto ao interdiscurso de uma formação social" (ADAM; HEIDMANN, 2004, p. 62, tradução de Bonnin).

Esse "efeito de genericidade", a inscrição de um texto individual em uma série reconhecível, pode ser alcançado, ou pelo uso de uma forma textual associada a um gênero, ou pelo emprego de rótulos de gênero que traz o efeito de genericidade ao texto. Como resultado, tanto a forma textual e/ou o rótulo genérico recontextualiza o texto em uma dada série significativa, em uma prática discursiva. Assim, ele envolve uma motivação ideológica que relaciona gêneros diferentes e traços genéricos (FAIRCLOUGH, 1992, p. 200-24). É como diz Vigner (1988, p. 33):

Reconhecer um gênero é poder regular sua leitura sobre um sistema de expectativa, inscrevê-la numa trajetória previsível, sendo que este reconhecimento opera a partir da apreensão de um certo número de sinais.

2.3 O discurso da pregação

A religião protestante, diz Ferreira (2012), é conhecida principalmente pela prática da pregação, que fez nascer o personagem do "pregador", através de quem os desígnios divinos são transmitidos por meio da ministração da "Palavra de Deus" durante o culto. No desdobramento mais significativo do protestantismo, que é o pentecostalismo, o pregador surge como um ser angelical, capaz de arregimentar multidões e convencê-las com seus discursos cheios de hermenêutica, carisma e emoção. Para elevar a sua importância, alguns se intitulam conferencistas, podendo ser nacionais ou internacionais.

O autor investiga a influência carismática do pregador, analisando a literatura sobre o assunto e comparando-a com os atuais movimentos evangélicos (pentecostais e neopentecostais) que promovem grandes eventos, visando além da pregação, o espetáculo dos seus pregadores. Para tanto, toma como referência o congresso dos *Gideões Missionários da Última Hora* (GMUH), evento promovido

pela Igreja Assembleia de Deus, em Camboriú (SC) e que é responsável, anualmente, por um dos maiores congressos pentecostais de pregação.

Silveira (2007) estuda os recursos retórico-argumentativos, baseados na classificação de Perelman e Olbrechts-Tyteca, (1997) em gravações de discursos da *Teologia da Prosperidade* de igrejas evangélicas pentecostais e neopentecostais.

Dias (2010) analisa o sermão ou pregação evangélica, examinando o sermão *Vencendo Tentações*, do Pr. Silas Malafaia, proferido na igreja Assembleia de Deus da Penha e veiculado através de DVD ou CD, e verifica como o pregador estrutura sua pregação para adequá-la aos telespectadores.

Rodrigues (2008) analisa os elementos argumentativos e prosódicos que influenciam a constituição da persuasão no texto oral religioso da igreja evangélica da atualidade, para verificar a relação entre a prosódia e os outros elementos de persuasão. A pesquisa mostra que, nesse tipo de discurso, a prosódia se destaca, colaborando de forma decisiva para a constituição do sentido no texto.

Santos (2009), em seu trabalho de Iniciação Científica, descreve a linguagem utilizada pelo principal representante e também fundador da igreja *Bola de Neve Church*, conhecida pela sua linguagem coloquial e roupagem jovem, fundada no Brasil entre 1999 e 2000 pelo Apóstolo Rina. Santos analisa a pregação intitulada “Só Deus para me aguentar”, examinando a argumentação e a prosódia em que se apoia o texto.

Apesar de a pregação analisada equiparar-se a outras do mesmo gênero proferidas em diferentes igrejas brasileiras, o que a distingue das demais é a linguagem informal, repleta de gírias, por exemplo, além da grande intimidade que transparece na interação do orador com o público-alvo. Esses fatores são cruciais na constituição da persuasão, assegurando o interesse do público jovem por essa igreja.

Figueiredo et al (2009), com base na teoria de gêneros, apresenta a caracterização do gênero pregação religiosa. Por meio de escuta, transcrição e análise de três pregações proferidas por líderes religiosos brasileiros pertencentes a religiões cristãs, o autor procura caracterizar de forma precisa o gênero em questão.

Moura (2009), por meio da análise linguística, examina a intersecção entre os elementos prosódicos e a constituição da argumentação que objetivam a adesão do auditório no discurso religioso de padre Léo, representante carismático da Igreja

Católica, em sua pregação intitulada "Buscai as coisas do alto" (dez.2006). Moura enfoca a argumentação sob os pressupostos teóricos de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1997, 2005), além de Meyer (2003), Reboul (2004), Tringali (1988) e Citelli (2005); da retórica, segundo Aristóteles (2003); e a prosódia, de acordo com Bollela (2006), além de Cagliari (1992), Scarpa (1999), Massini-Cagliari e Cagliari (2001). Constatou-se que o orador imprime maior autoridade ao seu discurso com o uso de citações de passagens bíblicas.

Trato, a seguir, das teorias que embasam e fornecem as categorias da minha análise da **persuasão** que percorre o discurso da pregação, examinando a criação de um "**mundo textual**", nem sempre confirmado pelo mundo factual. A construção desse mundo apoia-se em questões que compõem o que chamo de MACROESTRUTURA do discurso: (i) a **representação** no discurso; e (ii) a **legitimização**, que dependem da (iii) **argumentação**, para serem aceitas. A argumentação conta com o apoio da (iv) **ideologia**, indo, assim, ao encontro das expectativas do leitor, podendo dessa forma convencê-lo a aceitar os valores que propõe, contando para isso com recursos retóricos de (v) **manipulação**.

Em termos do exame da MICROESTRUTURA textual, adoto a proposta teórico-metodológica da Gramática Sistêmico-Funcional (GSF) (HALLIDAY, 1994, 2004), uma teoria multifuncional, que me permite realizar um exame detido das escolhas léxico-gramaticais, que relacionam o texto ao discurso da pregação. A GSF acolhe em seu enquadre: (i) a Linguística Crítica, que examina as relações entre signo, significado e o contexto sócio-histórico e (ii) o sistema de Avaliatividade, que trata da avaliação explícita ou implícita, abrangendo recursos como o do "apito do cão" (a informação - em geral negativa - que apenas os intercolutores "ideais" podem captar) e o "contrabando de informação" (a inserção subreptícia de informação negativa). Entra aqui o exame dos recursos retóricos com enfoque no *dialogismo*, que envolve a relação entre produtor e receptor, em um processo de *intersubjetividade*, incluindo, os *papéis sociais* de atuação e de desempenho.

2.4 Teoria de mundo textual como uma teoria do discurso

A teoria do "mundo textual", desenvolvida por Semino (1997) e Werth (1999),

envolve, tanto noções da linguística textual tradicional, quanto noções mais recentes de metáfora e de espaços mentais. Essas teorias veem o processamento do texto como um fato dinâmico em que produtor e receptor desempenham papéis ativos. Nessa interação, tem papel fundamental a negociação, antecipando e determinando a natureza do discurso em seu desenrolar. O receptor pode reconstruir o mundo projetado no discurso graças ao seu conhecimento de mundo, assim fazendo-o a partir de pistas deixadas no texto pelo seu produtor. Essa visão é adequada para entender o modo com os receptores constroem versões de mundos fictícios representados no texto, e como esses mundos são relacionados aos mundos 'reais' e da 'fantasia' dos receptores.

A natureza cognitiva da noção de mundo textual é apresentada também por Semino (1997, p. 1) para quem, diante de um texto, inferimos ativamente um mundo textual 'atrás' do texto. Por 'mundo textual' ele se refere ao contexto, ao cenário ou tipo de realidade que é "evocado em nossas mentes pelo texto, e que é referido pelo texto." O mundo textual não é uma entidade fixa que é percebida da mesma maneira pelos leitores; de fato, nem há garantia de que os receptores construirão o mundo textual pretendido pelo produtor.

A partir dessas considerações, Downing (2003) examina no discurso o modo como se criam "mundos textuais", por meio da análise das escolhas léxico-gramaticais e das feições contextuais, fatores determinantes nas relações entre os interactantes. As considerações que a autora faz referindo-se a texto persuasivo cabem para a consideração do discurso da pregação, um gênero que também tenta persuadir o interlocutor.

A noção de escolha linguística é crucial para a Gramática Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1973, 1994) e refere-se a opções feitas no discurso em diferentes níveis linguísticos (lexical, morfológico, sintático, fonológico), que determinam a criação de diferentes significados. Esses significados são processados contextualmente e a adequação de uma dada mensagem dependerá da relação entre as escolhas linguísticas e as feições de contexto. Uma definição padrão de contexto inclui as seguintes informações: o contexto físico; o conhecimento de mundo que o participante traz para a interação; a língua, e o contexto sócio-cultural, segundo Downing (2003).

A autora apoia-se em Fowler (1986, p. 17), para quem a língua, como um

instrumento de classificação e de interpretação da realidade, reproduz ideologias e constrói versões “senso-comum” de como as coisas devem ser no mundo que habitamos. A relação indireta entre a mente humana e a realidade, já que mediadas pela língua, é salientada por abordagens cognitivistas do estudo da língua (LAKOFF; JOHNSON, 1980; VAN DIJK; KINTSCH, 1983; FAUCONNIER, 1985; SEMINO 1997; WERTH, 1999). Assim, as teorias cognitivas baseiam-se em noções como a de enquadre (*frame*), modelo mental de mundo, que enfatiza o papel ativo desempenhado pelo leitor na construção de mundo que é evocado pelo texto em sua mente.

Discuto, a seguir, algumas questões que contribuem na construção desse mundo textual, considerado em termos de sua macroestrutura: (i) a representação no discurso; (ii) a legitimização do discurso; (iii) a argumentação; (iv) a ideologia.

2.4.1 A Representação no Discurso

Chang e Mehan (2006) tratam da representação política no discurso, e a definem como uma competição que acontece entre indivíduos, agentes institucionais (aqueles que falam em nome de uma organização ou instituição), ou grupos, sobre o significado de eventos, objetos e situações ambíguas do mundo (HOLQUIST, 1983; SHAPIRO, 1988; NATHANSON, 1988; MEHAN; WILLIS, 1988 apud CHANG; MEHAN, 2006).

Trago a questão do discurso político para a discussão do discurso religioso, pois, segundo Mainguenau (1993), o discurso político fica na fronteira entre os discursos que a constituíram, como a religião e a ciência. Nesse sentido, diz Hannah Arendt (1958), em *The Human Condition*, que o discurso político é um texto argumentativo, fortemente persuasivo, alicerçado por informações compartilhadas que traduzem valores religiosos, sociais, políticos e outros. Entendo, assim, que o discurso político sustenta a persuasão dos demais discursos, graças ao seu poder persuasivo.

A história, continuam Chang e Mehan, mostra que oficiais políticos procuram ativamente convencer o povo sobre um determinado significado referente a certos eventos para conseguir legitimidade e poder. Por meio de entrevistas, falas políticas

ou debates parlamentares na mídia, os oficiais políticos eleitos realizam vários atos de fala de legitimação e de deslegitimação (CHILTON; SCHAFFNER, 1997, p. 213; CHILTON, 2004, p. 110-134) para maximizar a legitimidade e conseguir poder político, incluindo apelo a presumidos valores morais superiores por trás de suas ações, raciocinando com o público usando pesquisa empírica ou evidências, ou, em alguns casos, apelando para interesses da maioria dos eleitores (VAN DIJK, 1980; MEHAN *et al.*, 1990; MEHAN, 1997). Em todas as instâncias, eles lutam para controlar as representações e assim limitar a expressão de certos modos conhecidos de eventos e situações políticas.

Esses sistemas de representação são frequentemente ligados a um corpo coerente de conhecimento e não a porções isoladas de informação, afirmam Chang e Mehan. Enquanto representações específicas podem não ser muito surpreendentes por vezes, em outras vezes elas são altamente originais e criativas. Parte da arte do discurso político consiste no uso de metáforas, modelos, *scripts* e esquemas para trazer coerência criativa e forte entre os eventos que não seriam automaticamente geradas de outro modo (LAKOFF, 2004) - e ainda ir ao encontro do conhecimento prévio da audiência, transformando o conhecimento e os significados ideológicos em senso comum não-ideológico, natural e universal (FAIRCLOUGH, 1995, p. 28-53). Estudos na sociologia da cultura e da mídia informam que um *script* cultural, para ser poderoso, precisa ser facilmente acessível ao público, a fim de oferecer uma explicação internamente coerente, e ir ao encontro de opiniões e estruturas já existentes (SCHUDSON, 1989).

Essas questões ligam-se à noção de legitimação do discurso (REYES, 2011), que trago a seguir.

2.4.2 A Legitimação do Discurso

No enquadre interdisciplinar ancorado na análise do discurso crítica e usando os instrumentos da Gramática Sistêmico-Funcional, Reyes (2011) trata de um uso importante da linguagem na sociedade: o processo de legitimação. O autor explica alguns modos linguísticos específicos pelos quais a língua representa um instrumento de controle (BOURDIEU, 2001) no discurso e na sociedade. Levando

em conta estudos anteriores sobre a legitimização (i.e. MARTIN ROJO; VAN DIJK, 1997; VAN DIJK, 2005; VAN LEEUWEN, 1996, 2007, 2008; VAN LEEUWEN; WODAK, 1999), Reyes desenvolve e propõe algumas estratégias-chave da legitimização empregadas por atores sociais para justificar o curso da ação, e explica como essas estratégias são construídas e formatadas linguisticamente.

Do latim "*legitimus*" (e.g., legal), a palavra "legitimização" relaciona-se com "*lex/legis*" (e.g. lei, acordo). Hoje, a palavra é também usada fora do jargão legal e em geral envolve a semântica de "justificação". Em teoria e origem, "legitimização" (LEG) significa tornar algo legal ou legalizado. Assim, a LEG refere-se ao processo pelo qual os falantes dão crédito, por exemplo à Bíblia, ou licenciam um tipo de comportamento social (mental ou físico). O processo de LEG atua por meio de argumentos que explicam as ações, ideias, pensamentos, declarações sociais. Além disso, a LEG relaciona-se a um objetivo, que, na maioria dos casos, é a procura de apoio e a aprovação do interlocutor, podendo ter diferentes motivos: obtenção ou manutenção do poder, alcance de aceitação social, aumento de relações na comunidade, popularidade ou fama, etc.

Em geral, tentamos obter o apoio ou a aceitação das pessoas, apresentando uma proposta sobre modo certo de procedimento, diz Reyes. "Certo" ou "apropriado" devem ser entendidos como "conceptualizações socioculturais" (SILVERSTEIN, 2004), formatados e definidos ideologicamente por um grupo social. Argumentos de diferentes naturezas podem ser apresentados na procura da LEG, desde a informação objetiva, como a evidência científica para construir a verdade (MCCANN-MORTIMER *et al*, 2004), até experiências pessoais para legitimizar generalizações culturais (TUSTING *et al*, 2002). No caso da religião, o argumento primeiro e último é a palavra de Deus.

Os políticos sancionam o poder simbólico (BOURDIEU, 2001), latente no uso da língua, para "naturalizar" seus objetivos políticos (FAIRCLOUGH, 2002). Assim também, o discurso religioso recorre a uma simbologia por meio da qual a voz do padre, do pastor ou do pregador é a voz de Deus, a quem os fiéis devem submeter-se. Chouliaraki (2005) classifica a ação da LEG, em relação aos discursos sobre a guerra do Irã, como exemplo de poder *soft* (simbólico). Por outro lado, a natureza persuasiva do discurso político permite aos políticos apresentar suas metas como "metas" da audiência: o orador inspirado pode conduzir o povo, ou mesmo

desencaminhá-lo, na crença de que os estreitos interesses do partido do governo sejam realmente o interesse do povo como um todo" (JOSEPH, 2006, p. 13 apud REYES, 2011).

As estratégias propostas por Reyes podem ser usadas individualmente ou em combinação com outras, e justificam as práticas sociais por meio de: (i) *emoções* (em particular, o medo), (ii) o *futuro hipotético*, (iii) a *racionalidade*, (iv) *vozes de especialistas* e (v) *altruísmo*. Pode-se notar que essas estratégias são a base de qualquer discurso persuasivo. No caso do discurso religioso, em comparação ao político, a meta é diferente, mas a estrutura argumentativa é bastante semelhante.

A LEG através de emoções - O apelo às emoções permite aos atores sociais enviar a opinião de seu interlocutor ou audiência sobre um determinado assunto. A representação negativa de atores sociais e a atribuição de qualidades negativas a personalidades ou suas ações permitem aos falantes criar dois lados de uma história/evento, em que o falante e a audiência estão no "grupo-nós" e os atores sociais descritos negativamente constituem o "grupo-eles" (VAN LEEUWEN; WODAK, 1999, p. 2).

A LEG através de futuro hipotético - Colocar uma ameaça no futuro que requeira uma ação iminente no presente é outra estratégia expressa no discurso político (DUNMIRE, 2005). Os atores políticos exercem seu poder falando do futuro com o emprego de escolhas e estruturas linguísticas específicas, tais como sentenças condicionais do tipo: "Se você fosse (prótase) → eu iria [apódose]", ou "Se você for [prótase] → eu irei [apódose]", a ordem da prótase e da apódose sendo intercambiáveis. Veja um exemplo de futuro hipotético na Edir Macedo, quando ele promete fartura para quem oferecer os dízimos: "onde quer que haja um dizimista e ofertante, ele tem direitos, [...] então tem que acontecer riquezas".

A LEG através de racionalidade hipotética - A LEG é colocada em prática quando decisões apresentadas teriam sido resultado de um procedimento examinado, avaliado e pensado. A racionalização precisa ser entendida como um *modus operandi* definido e formatado por e a partir de uma sociedade específica. Nesse sentido, ela pode ser considerada "racional" por consultar outras fontes e explorar todas as opções antes da tomada de decisão. Consequentemente, essa estratégia

de LEG é articulada linguisticamente por orações como "Após consultas com nossos aliados" (OBAMA, 1/12/09 apud REYES, 2011), ou verbos denotando processos mentais e verbais (THOMPSON, 2004) como "explorar" e "consultar".

LEG através das vozes de *experts* - As vozes de *experts* são colocadas no discurso para mostrar à audiência que especialistas em determinados campos estão apoiando as propostas políticas com suas sábias declarações. Essa LEG refere-se à "autorização" (VAN LEEUWEN, 2007) que o falante traz para o contexto imediato da fala corrente para fortalecer sua posição. Independentemente de se a autoridade é estabelecida por meio de vozes de figuras com autoridade evocadas pelo falante ou pela posição institucional representada pelo falante, a autoridade constitui uma estratégia para a legitimização das ações. Além de fontes confiáveis, os atores sociais podem expressar indicadores de "precisão e exatidão como os números" (VAN DIJK, 1988, p. 84). Números exatos podem apoiar ou ser parte dessas vozes de autoridade, reforçando a LEG.

A LEG através do Altruísmo - Os falantes públicos, em particular, e atores sociais, em geral, garantem que suas propostas não representam interesses pessoais. Eles se apresentam, por exemplo, como estando a serviço dos eleitores, legitimando suas propostas como um bem comum que melhorará as condições de uma comunidade. Essa sociedade inclui a comunidade do político e da audiência, ou pode referir-se a uma sociedade remota que o falante apresenta como necessitando de "nossa" ajuda. A LEG responde pelo bem estar de outras pessoas e é relacionada à ideia de altruísmo. Assim é, quando Edir Macedo mostra que os díizimos ofertados pelos fiéis têm um destino: não são para ele, mas para a construção de um templo, segundo os desígnios de Deus. Essa estratégia é de alguma forma relacionada ao tipo de "avaliação moral" (VAN LEEUWEN, 2007) no sentido de que ela se refere a um sistema de valores.

Dito isso, tanto a representação, quanto a legitimização, dependem, para serem aceitos pelo leitor, do apoio de uma argumentação formulada, que para isso visa o enquadre mental do leitor. Assim, passo a falar da argumentação e da ideologia.

2.4.3 A Argumentação

O discurso persuasivo necessita de sólida argumentação apoiada tanto em fatores que envolvem o raciocínio, quanto naqueles que se referem à eloquência da oratória, por meio da sedução, recorrendo a afetos e sentimentos (KITIS; MILAPIDES, 1997). Nesse contexto, Chang e Mehan (2006) tratam de três modos de argumentação: intelectual, racional e legal.

O *modo argumentativo intelectual* referente à política pública coloca eventos em um contexto histórico, político e sociológico. Esse modo de argumentação, assim como o modo racional de argumentação, aplica princípios lógico-empiricistas, que governam inferências corretas e apropriadas e a consistência lógica, à análise de documentos, registros, determinações políticas, discursos. Esse modo de argumentação institui uma convicção na qual a argumentação se basearia em conhecimento global e histórico legítimos, com ênfase na precisão de fatos técnicos acompanhados por interpretação persuasiva; além disso, convida as pessoas a conduzir uma análise intelectual do fenômeno que têm à frente e a desenvolver uma visão de mundo intelectual.

O *modo racional de argumentação* (que poderia ser chamado de modo "tecnocrático") enfatiza os usos da razão, a avaliação da evidência, calculando custo vs. benefício como modos de explicar eventos. Esses elementos surgem em completo contraste em relação ao apoio em emoções desenfreadas ou de afirmações não substantiadas para justificar certas metas. Dissidentes, usando esse discurso, são muito menos prováveis de mencionar ações precedentes como aqueles que se apoiam no modo intelectual de representação; sendo mais propensos a avaliar a lógica interna de uma posição política. Esse modo de argumentação faz a audiência agir como estrategistas racionais e pensar em termos de ações efetivas e eficientes, convidando as pessoas a conduzir avaliações cuidadosas e calculadas de um fenômeno e levando-as a controlar as emoções pessoais, para produzir o raciocínio, a avaliação e o cálculo com a cabeça fria e de forma impessoal.

O *modo legal de argumentação*, como o intelectual e o racionalista, emprega princípios lógico-empiricistas - mas aplica-os a diferentes gêneros textuais. Em vez de discursos, documentos governamentais e semelhantes - os argumentos legais

baseiam-se em casos dentro da jurisprudência nacional e internacional. Esse modo de argumentação enfatiza a racionalidade acima das emoções. Mas em vez de pressionar o raciocínio individual, ele procura promover o raciocínio legal e procedimento legais para tratar de um fenômeno. Assim, o rótulo para os ataques de 11 de setembro como "crimes apavorantes" rejeitou a caracterização de Bush desses atos como "guerra". A citação expressa uma convenção preferida que governa modos de falar, pensar e agir, e que se baseiam em "regras de evidência, prova de culpa, respeito pelos direitos e processos judiciais devidos". Assim, sob tal convenção legal, qualquer ação legítima militar ou política devem ser legitimadas por autoridade legal, e qualquer "evidência" ou "prova" devem ser reconhecidas como legítimas por uma autoridade legal de acordo com uma convenção legal.

2.4.4 A ideologia

A ideologia, no senso comum, é entendida como o conjunto de ideias, pensamentos, doutrinas ou visões de mundo de um indivíduo ou de um grupo, orientado para suas ações sociais. Segundo Banks (2005), a ideologia, nos termos da GSF, é o conjunto de princípios que, além da camada semântica e semiótica, determina o uso da língua. Desse ponto de vista, ela é moralmente neutra e todos os textos dependem de uma ideologia: portanto, não no sentido da análise do discurso crítica, onde é vista como eticamente indesejável.

Por outro lado, segundo Luchjenbroers e Aldridge (2007), enquadres (tradução portuguesa de *frames*) são conjuntos de informações aceitos culturalmente, que acompanham qualquer termo lexical. Assim, os enquadres de referência associados a cada escolha lexical derivam componentes adicionais de significados, num fenômeno em que cada termo escolhido desencadeia uma rede ampla de associações prototipicamente presentes nessa escolha. O acesso do interlocutor a essas associações, segundo as autoras, depende de sua experiência e de sua compreensão das normas sociais que determinam essas escolhas lexicais.

Do ponto de vista da linguística cognitiva e da semântica cognitiva do significado lexical, o significado é 'enciclopédico' por natureza: o sentido de uma palavra não está divorciado do seu contexto de uso, prosseguem Luchjenbroers e

Aldridge. Assim, o significado linguístico está codificado na memória como um tipo de rotina cognitiva que se apoia em experiências no mundo, e a ativação de um conceito desencadeia os conceitos a ele relacionados na memória. As associações que o falante traz para o discurso nos atributos que ele usa para falar sobre pessoas, ações e eventos, influenciam (com o óbvio intento de manipular) o modo como os ouvintes avaliam a informação que lhes é apresentada. É como funciona a força de uma ideologia.

Nesse sentido, segundo Macken-Horarik (2003, p. 287), os textos podem ser entendidos como naturalizações de posições de leitura para um leitor "ideal", e se pudermos acessar essa posição através de etnografia apropriada, então estaremos em posição mais forte para conseguir acordo sobre avaliações implícitas – lendo de uma posição naturalizada desse ideal.

Nesse contexto, é bem vinda a explicação de Van Dijk (2005) sobre manipulação. Embora na linguagem do dia a dia, diz ele, o conceito de "manipulação" tenha sentido negativo, pode-se também estudar o conceito como uma categoria do participante: poucos usuários da linguagem considerariam manipulativo o seu discurso.

2.4.5 A manipulação

Manipulação é uma noção muito usada, mas raramente feita explícita, afirma Van Dijk (2005). Uma vez que a manipulação surge em contexto discursivo e envolve abuso de poder, ela deve ser estudada pela Análise do Discurso Crítica, continua o autor. Ele examina a noção de manipulação via uma abordagem multidisciplinar, triangular, ou seja, examina os seus aspectos social, cognitivo e discursivo.

A *dimensão social* da manipulação é examinada em termos do abuso de poder pelas elites simbólicas de acesso preferencial ao discurso público e manipula grupos de pessoas em seu interesse e contra os interesses de suas vítimas. A *dimensão cognitiva* explica como o processamento do discurso e a formação de modelos mentais e representações sociais são controlados pelo discurso manipulativo. Finalmente, a *dimensão discursiva* enfoca as propriedades típicas do

discurso usadas na manipulação de mentes dos receptores, tal como a apresentação positiva de si contra a apresentação negativa do outro em todos os níveis do discurso, e no contexto que apresenta as restrições típicas das situações manipulativas: falantes poderosos e ouvintes que carecem de recursos específicos, como, conhecimento, para resistir à manipulação.

Vemos que a manipulação é uma das práticas sociais discursivas de grupos dominantes equipados para a reprodução do poder. Esses grupos podem efetivar esse procedimento de várias formas: através da persuasão; informação, educação, instrução e outras práticas sociais que objetivam influenciar o conhecimento, crenças e (indiretamente) as ações dos receptores. Algumas dessas práticas podem ser legítimas, como quando os jornalistas e professores fornecem informação para suas audiências.

Van Dijk define como ilegítimas as formas de interação, comunicação ou outras práticas sociais que sejam do interesse de uma parte, e contra os interesses dos receptores. Aqui toca-se nos fundamentos sociais, legais e filosóficos de uma sociedade democrática justa, e nos princípios éticos do discurso, interação e comunicação (HABERMAS, 1984). Porém, van Dijk não discute esses princípios e, assim, nem a explicação da ilegitimidade da manipulação na sua proposta.

Para cada evento comunicativo, continua van Dijk, é necessário deixar claro o modo como interesses respectivos são tratados pelo discurso manipulativo. Assim, se a comunicação de massa fornece informação incompleta ou tendenciosa sobre um político durante a campanha eleitoral para influenciar os votos dos eleitores, teríamos um caso de manipulação se pressupusermos que os eleitores têm o direito a ser 'propriamente' informados sobre os candidatos em uma eleição. A informação 'devida' nesse caso pode ser depois especificada como equilibrada, relativamente completa, não tendenciosa, relevante e assim por diante. Isso não significa que um jornal não possa apoiar ou favorecer seu próprio candidato, mas deveria fazê-lo com argumentos, fatos, etc., através de informação adequada e persuasão, e não por meio da manipulação, omitindo informação muito importante, mentindo ou distorcendo os fatos, e assim por diante.

Todos esses princípios normativos, como estão firmadas nos códigos profissionais de ética, são parte da implementação específica do que considera como formas 'legítimas' de interação e comunicação. Cada uma delas, contudo, é

um tanto vaga, necessitando de análises detalhadas adicionais. A manipulação não é nada especial: ela usa as propriedades gerais do processamento do discurso. Os itens envolvidos aqui pertencem à ética do discurso, e daí são parte dos fundamentos da Análise do Discurso Crítica.

Vemos que processos cognitivos de manipulação supõem que a memória de longo termo não só estoca experiências pessoais interpretadas subjetivamente, mas também crenças estáveis, mais permanentes, geral e socialmente compartilhadas, chamadas de 'representações sociais' (AUGOUSTINOS; WALKER, 1995; MOSCOVICI, 2001, apud VAN DIJK, 2005). Nosso conhecimento sociocultural forma o núcleo dessas crenças e permite-nos agir, interagir e comunicar significativamente com outros membros de uma mesma cultura.

O mesmo é verdadeiro para muitas atitudes sociais e ideologias compartilhadas com outros membros do mesmo grupo social, como, pacifistas, socialistas, feministas, de um lado, ou racistas e chauvinistas, de outro (van DIJK 1999). Essas representações sociais são adquiridas gradualmente através da vida e, embora elas possam mudar, não mudam da noite para o dia. Elas influem na formação e ativação de modelos mentais pessoais dos membros de um grupo.

Não surpreende que dada a importância vital das representações sociais para a interação e para o discurso, a manipulação geralmente focalizará a cognição social e em grupos de pessoas, em vez de indivíduos e seus modelos pessoais específicos. Nesse sentido, a manipulação é uma prática discursiva que envolve dimensões tanto cognitivas quanto sociais. Devemos, portanto, prestar atenção a estratégias discursivas que influenciam crenças socialmente compartilhadas.

Assim, uma condição cognitiva crucial da manipulação é que os alvos (pessoas, grupos, etc.) da manipulação sejam levados a acreditar que algumas ações políticas visam ao seu próprio interesse, quando, de fato, elas são do interesse dos manipuladores e seus associados. E ainda, embora as estruturas discursivas per se não necessitem ser manipulativas, algumas dessas estruturas podem ser mais eficientes que outras no processo de influenciar as mentes dos receptores para o seu próprio interesse.

Essas estratégias gerais do discurso manipulativo parecem ser amplamente semânticas, isto é, focalizadas no "conteúdo" manipulativo do texto ou da conversa. Porém, como no caso da implementação de ideologias, esses significados podem

ser enfatizados ou de-enfatizados de modo usual: pela (de-) topicalização dos significados, por atos de fala específicos, significados locais que podem ser mais/menos precisos, manipulação da informação explícita x implícita, lexicalização, metáforas e outras figuras retóricas, bem como expressão e realização específicas (entonação, volume, rapidez; layout, tipo de letra, foto, etc.).

Assim, a posição poderosa do falante pode ser enfatizada por local, forma, vestuário, tom de voz, escolha lexical, etc., tal como um discurso oficial do presidente falando para a nação ou para congresso. As emoções das pessoas podem ser ativadas e colocadas em cena por meio de palavras sedutoras, retórica dramática (hipérboles, etc.), fotos e assim por diante. Os oponentes e os dissidentes podem ser desacreditados, recorrendo-se à polarização Nós x Eles. Cada feição do discurso da manipulação precisa ser examinada de maneira minuciosa para verificar o modo como são formuladas, como funcionam no texto e como alcançam as funções e efeitos contextuais.

Passo, assim, a tratar da microestrutura do texto, que se refere às escolhas léxico-gramaticais dos conceitos da macroestrutura. Para tanto, trago a teoria conhecida como Gramática Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004), em cujo bojo enfoco a metafunção Ideacional, examinando o sistema da Transitividade; a metafunção Interpessoal, examinando: (i) Avaliatividade; (ii) Papéis Sociais; que envolvem as noções de (iii) intertextualidade e intersubjetividade.

2.5 A Gramática Sistêmico-Funcional

Um método de análise do discurso, segundo Fairclough (1992), deve envolver, ao menos, quatro condições: deve ser *multidimensional* (inclusão da dimensão social), *histórica* (constituição dos textos a longo prazo), crítica (abordagem de causas implícitas), e além disso ser *multifuncional*. Para este último item, diz Fairclough, um bom ponto de partida é uma teoria sistêmica da linguagem (HALLIDAY, 1994; 2004) - a Gramática Sistêmico-Funcional (GSF) - para a qual os textos representam, simultaneamente, três significados ou metafunções, Ideacional, Interpessoal e Textual.

A metafunção Ideacional representa os eventos das orações por meio do sistema da Transitividade; a metafunção Interpessoal trata das relações sociais referentes à função da oração em dar ou pedir informação ou bens e serviços; e a metafunção Textual organiza os significados referentes à informação, retrabalhando os significados que serão representados no início ou no final da oração, tendo em mente a metafunção Interpessoal.

Apresento o Quadro 2, que mostra o sistema da Transitividade, da metafunção Ideacional, que representa os eventos das orações, envolvendo: Processos, Participantes e Circunstâncias.

Quadro 2: Relação Processos/Participantes/Circunstâncias

Processos	Participantes	Circunstâncias
Material	<u>Macedo</u> vendeu <u>sua casa</u> <u>ao vizinho</u> Ator Meta Beneficiário <u>Ele</u> caminhou <u>pelo templo</u> . Ator Extensão	em dezembro.
Comportamental	<u>O pregador</u> murmurou <u>em êxtase</u> Comportante Comportamento	enquanto orava.
Mental	<u>Ele</u> pensava <u>no destino da comunidade</u> . Experienciador Fenômeno	
Existencial	<u>O milagre</u> aconteceu . Existente	na cidade.
Relacional	<u>Ele</u> era <u>um pregador</u> . (a) Atributivo : Portador Atributo <u>O pregador</u> era <u>o Edir</u> . (b) Identificativo : Característica Valor	
Verbal	<u>O fiel</u> falou <u>para nós</u> <u>sobre as bênçãos da fé</u> . Dizente Receptor Verbiagem	

Fonte: Halliday (1994)

Resumindo ao essencial para a minha análise, trato da metafunção Interpessoal, no que se refere ao *Mood* (interação), que inclui a noção de Modalidade, segundo Halliday (1994), assim subdividida: Modulação, envolvendo: *obrigação* [p. ex. *precisar, ser necessário*] e *desejabilidade* [*querer, esperar*]; e Modalização, envolvendo: *probabilidade* [*talvez, acho que*] e *frequência* [*sempre, por vezes*]. Um outro elemento que figura na estrutura da oração, na metafunção Interpessoal, é o Vocativo, explica Halliday, relativamente mais frequente em orações de 'pedir' (interrogativas e imperativas).

Quanto à metafunção Textual, a oração se divide em Tema, ou sujeito psicológico, o elemento colocado em primeiro lugar na oração, segundo Halliday (1994), aquele que orienta a interpretação da mensagem. O restante da oração constitui o Rema. Tanto Tema quanto Rema têm sido alvo de muitas pesquisas, já que diferentes línguas reagem de modo diferente frente a essas noções.

Por outro lado, é imprescindível para a GSF, a consideração da inter-relação entre língua e contexto. Os contextos que afetam a língua, para os sistemicistas, são **sociais**: (a) **gênero** (contexto cultural) e **registro** (contexto situacional).

O gênero representa os processos sociais em estágios orientados para uma finalidade de uma dada cultura, tais como a narrativa, uma anedota, uma reportagem, um relato, um procedimento, etc., e, por isso, são em geral rotulados de contexto de cultura. O registro, por outro lado, refere-se ao contexto de situação (MARTIN, 1992). Na GSF, o registro é organizado pelas três variáveis contextuais, **Campo** (assunto), **Relações** (status dos interactantes) e **Modo**, (organização do texto). Essas três variáveis contextuais de registro são, por sua vez, organizadas pelas metafunções da linguagem (HALLIDAY, 1978).

Há também um terceiro contexto – o **ideológico**, que mais recentemente tem sido abordado pela GSF. A ideologia ocupa um nível superior de contexto, referindo-se a posições de poder, a vieses políticos e a suposições sobre valores, tendências e perspectivas que os interlocutores trazem para seus textos, e tem chamado a atenção dos sistemicistas, na medida em que, em qualquer registro, em qualquer gênero, o uso da língua será sempre influenciado pela nossa posição ideológica. A análise dos aspectos ideológicos tem sido feita, dentre outros, pela Linguística Crítica (FOWLER, 1991).

Na GSF, a semântica está naturalmente (não arbitrariamente) relacionada à gramática (entendida como a estrutura morfo-sintaxe). O que distingue a GSF, segundo Halliday (1994), é que ela procura desenvolver uma teoria sobre a língua como um processo social e uma metodologia que permita uma descrição detalhada e sistemática dos padrões linguísticos.

2.5.1 Os papéis sociais

Com referência à metafunção Interpessoal, Thompson e Thetela (1995) julgam que a categorização proposta de Halliday, colocando a Modalidade como uma subcategoria de *Mood*, deveria ser modificada, já que *Mood* refere-se à interação (por meio dos modos verbais) e Modalidade refere-se ao posicionamento pessoal do falante/escritor (por meio de avaliações). Eles desenvolvem a noção da interação, propondo, aí, a consideração de papéis sociais que os produtores de texto (oral ou escrito) adotam no discurso:

- (a) *papéis desempenhados* - por meio dos quais os interlocutores adotam o papel de perguntador, ou de ordenador (p.ex.: *João: Você quer jantar?*);
 - (b) *papéis projetados* - por meio dos quais os interlocutores são rotulados, segundo: (i) **nomeação** (p.ex.: *senhor, você*); e (ii) **atribuição**. É aqui que Thompson e Thetela (1995) veem o significado Interpessoal "saturar" o significado Ideacional: a pessoa sobre quem se projeta um papel é simultaneamente participante na língua (Interpessoal) - por meio da nomeação (por ex., *senhor, você, Honda*) e na oração como participante na transitividade (Ideacional) - por meio da atribuição (por ex., *Ator, Meta, Portador*).
- (2) O Fit foi considerado o melhor carro da categoria.
nomeação + Portador

O carro é nomeado de "Fit" (poderia ter sido "o carro da Honda", por ex.) e é o Portador do atributo "melhor carro da categoria".

2.5.2 A Avaliatividade ("Appraisal")

A GSF, segundo Martin (2000), limitou-se a focar a metafunção Interpessoal apenas no que se refere à troca de bens e serviços ou de informação, omitindo a semântica da avaliação: o sentimento, o julgamento, a apreciação que os

interlocutores colocam em vários fenômenos de sua experiência (MARTIN, 2000). Assim, diz ele, é preciso elaborar sistemas lexicalmente-orientados que tratem também da avaliação, e propõe o sistema de Avaliatividade (*Appraisal*). Ele examina o léxico avaliativo que expressa a opinião do falante (ou do escritor) sobre o parâmetro bom/mau, como por exemplo, em:

- (3) É **inaceitável** que o espírito de competição degenera em mortes.

Na Avaliatividade, estão incluídos recursos de: Atitude - para a avaliação de pessoas (Julgamento), lugares e coisas (Apreciação), de como nos sentimos (Afeto); de Compromisso - para ajustar nosso compromisso com o que avaliamos; e de Graduação - para aumentar ou diminuir e aguçar ou suavizar a avaliação. Veja resumo explicativo no Quadro 3, com exemplos entre colchetes.

Quadro 3 - Os subsistemas da Avaliatividade

COMPROMISSO	(a) monoglóssico (sem negociação) [A seca é uma desgraça.] (b) heteroglóssico (com negociação) [Talvez Fabiano tivesse exagerado.]		
ATITUDE	(a) Afeto	(in)Felicidade [Ele sentiu desejos de cantar.]	
		(in)Segurança [Sinhá Vitória acomodou os filhos.]	
		(in)Satisfação [A obstinação da criança irritava-o.]	
	(b) Julgamento	Estima Social	Normalidade [A família falava pouco]
			Capacidade [De sertão, ele entendia.]
			Tenacidade [Caminhava sem desanimar.]
		Sanção Social	Veracidade [Não quis enganar ninguém.]
			Propriedade [ética] [Não podia deixá-lo lá.]
	(c) Apreciação	Reação (impacto): [Notou avultarem-se as ossadas.]	
		Reação (qualidade): [Os calcanhares sangravam.]	
		Composição (equilíbrio): [Viu o papagaio em atitude ridícula.]	
		Composição (complexidade): [Como entender esse sofrimento?]	
	(d) Avaliação Social	Valoração [A viagem era inútil, pensou.]	
		[A seca dizimou o NE.]	
GRADUAÇÃO	(a) Força	Aumenta [completamente devastado]	
		Diminui [um pouco cansado]	
	(b) Foco	Aguça [um sertanejo de verdade]	
		Suaviza [cerca de quatro pessoas]	

Fonte: MARTIN (2000)

É importante notar que uma ligação do sistema de Avaliatividade se faz por meio do conceito de redundância, ou seja, por diferentes escolhas léxico-gramaticais, segundo Martin. Veja o exemplo no Quadro 4.

Quadro 4 - Redundância

<i>O filme era muito triste.</i>	<i>O filme me comoveu até as lágrimas.</i>
com processo Relacional + Apreciação	com processo Mental

Fonte: Martin (2000)

2.5.2.1 Os tokens de Atitude

Quando a avaliação está explicitamente realizada, é fácil a análise da Atitude em positiva ou negativa em relação a algum evento: *Felizmente/Infelizmente, o Brasil desafiou os EUA na ALCA*. Mas o que fazer em casos em que a avaliação não está inscrita explicitamente, como em *O Brasil desafiou os EUA na ALCA*? Nesse caso, isto é, na ausência de um termo avaliativo explícito, o fato de o Brasil ter desafiado os EUA pode ter sentido negativo para alguns, e positivo para outros, dependendo do contexto de produção do enunciado.

Diante dessa situação, Martin (2000) distinguiu entre Avaliatividade inscrita (explícita) e Avaliatividade evocada (implícita), esta chamada de "*token* de Atitude".

Quadro 5 - Tipos de Avaliatividade

AVALIATIVIDADE	Inscrita	a avaliação está explícita no texto (<i>menino brilhante, menino malvado</i>)
	Evocada ("token")	a avaliação é projetada por referência a eventos ou estados que são ou não convencionalmente elogiados (<i>um menino que lê muito</i>) ou rejeitados (<i>um menino que arranca as asas da borboleta</i>)

Fonte: Martin (2000)

As Avaliatividades inscrita e evocada são importantes para a narrativa, segundo Macken-Horarik (2003). A Avaliatividade evocada torna toda a tarefa da análise linguística mais difícil, mas mesmo as expressões abertamente atitudinais, por serem vozeadas por personagens, acabam sendo relativizadas pelo texto. Contudo a Avaliatividade evocada é importante porque é o mecanismo primário pelo qual o texto se insinua nas atitudes do leitor.

Por outro lado, Martin (1992, p. 553-559), Lemke (1998) e outros (MATTHIESSEN, 1995; THOMPSON, 1998; HUNSTON; THOMPSON, 2000) notaram que as realizações de significados interpessoais, incluindo modalidades e atitudes, tendem a ser mais “prosódicas” que as realizações mais segmentáveis e localizadas. Podemos interpretar esse fato, dizendo que componentes redundantes, qualificadores e amplificadores ou restritivos, daquilo que é funcionalmente uma única avaliação, espalham-se por meio da oração ou de longos trechos de um texto.

A seguir, trago algumas propostas que envolvem a avaliação implícita.

Dog-whistle politics

Coffin e O'Halloran (2006) chamam de "política do apito do cão" à Avaliatividade negativa, que, em determinadas situações, significados aparentemente destituídos de termo avaliativo, devem ser "entendidos" como uma mensagem negativa pela comunidade alvo (MANNING, 2004).

Vejamos um exemplo de *token* de Atitude, ou seja, de avaliação implícita, num trecho de artigo publicado no *The Sun* (01/05/04), apresentado por Coffin e O'Halloran (2006, p. 99):

Setenta e um LETONESES sorriam enquanto embarcavam num ônibus de dois andares, na capital Riga, para uma viagem de 24 horas para o ocidente.

Nesse exemplo, dizem as autoras, nenhum termo indica que o seu conteúdo seja avaliado de modo negativo, sendo, pois, uma informação (metafunção Ideacional); porém, se se considerar que o artigo foi escrito para uma Inglaterra que não via com bons olhos hordas de europeus orientais, entrando em seu país, para competir no mercado de trabalho aceitando baixos salários, então veremos que as escolhas léxico-gramaticais que compõem o texto têm Avaliatividade (de Apreciação Social, segundo as autoras) negativa.

O Contrabando de Informação

Enquadres (*frames*), segundo Luchjenbroers e Aldridge (2007) referem-se ao conhecimento de mundo, aceito culturalmente, e acompanham qualquer palavra. Por outro lado, "contrabando de informação" diz respeito à inserção subreptícia de informação negativa, para denegrir a imagem de alguém, por meio da adequação de

um enquadre escolhido. Ora, a cada escolha lexical, os enquadres relacionados à palavra escolhida desencadeiam uma ampla rede de associações culturalmente presentes no uso do termo escolhido. Evidentemente, o acesso do interlocutor a essas associações depende de sua experiência e de sua compreensão das normas sociais que determinam essas escolhas lexicais.

2.6 As vozes do discurso

A comunicação verbal é um processo de interação entre vários participantes que atuam no processo comunicativo, e que qualquer enunciado, em algum grau, leva em conta ou responde a enunciados anteriores, e, em algum grau, antecipa e toma conhecimento de respostas, reações e objeções de interlocutores reais ou potenciais, um fenômeno a que Kristeva chamou de intertextualidade nos anos sessenta, com base nos trabalhos sobre dialogismo, de Bakhtin (1981,1986). "Não pode haver enunciado que, de uma maneira ou de outra, não re-atualize outros", diz Foucault (FOUCAULT, 1972, p. 98, apud FAIRCLOUGH, 1992, p.133).

Worhan e Locher (1996) referem-se também a Bakhtin, segundo o qual, voz é "um papel ou posição social identificável que uma personagem toma". Fala-se com uma "voz" quando se usa um léxico que identifica um lugar reconhecível socialmente. Assim, vozeamento (*voicing*) é a mistura de várias vozes em interação coerente, tal qual uma "orquestra", uma metáfora usada por Bakhtin (1981 [1935]). Por isso, pode-se dizer que é o modo como o autor representa as vozes reconhecíveis e as coloca numa interação imaginada, que torna um romance coerente.

Nesse contexto, Goffman (1998) identifica três papéis que marcam o falante:

- (i) o "animador", o falante, que se assemelha a uma caixa sonora, que move seus lábios para cima e para baixo, produzindo as palavras, que podem ser ouvidas, e que está engajado no papel de produzir elocuções;
- (ii) o "autor" das palavras ouvidas, alguém que selecionou os sentimentos que estão sendo expressos e as palavras nas quais eles estão codificados;
- (iii) o "responsável" (*principal*) – alguém cuja posição é estabelecida pelas palavras faladas, alguém cujas opiniões/crenças são verbalizadas, alguém que está comprometido com o que as palavras expressam. Não se lida tanto

com um corpo ou mente, mas sim com uma pessoa que ocupa algum papel ou identidade social específica, alguma qualificação especial como membro de um grupo, posto, categoria, relação, ou qualquer fonte de autoidentificação socialmente referenciada.

Segundo Goffman, o mesmo indivíduo pode rapidamente alterar o papel social que ocupa, mesmo que sua função como animador e autor permaneça constante – o que em reuniões de comitês se chama "mudar de chapéus".

Quando se usa o termo "falante", diz Goffman, está frequentemente implícito que o indivíduo que anima está produzindo seu próprio texto e delimitando sua própria posição através dele: animador, autor e responsável são um só. Nem sempre é possível afirmar que falamos nossas próprias palavras e que assumimos nós próprios a posição atestada por elas.

Quanto ao falante, Goffman distingue:

- (i) o participante "ratificado oficialmente", o endereçado, para quem o falante remete sua atenção visual e para quem espera eventualmente passar o papel de falante;
- (ii) o participante "não-ratificado" – o não endereçado (em geral a distinção é feita por pistas visuais)² ;
- (iii) os "circunstantes" - pessoas não participantes ratificados, mas cujo acesso à conversa é perceptível aos participantes oficiais;
 - "ouvintes por acaso" – acompanham a conversa, ou partes dela, não intencionalmente;
 - "intrometidos"- exploram de forma sub-reptícia o acesso à conversa.

As relações entre falante, interlocutor endereçado e interlocutor(es) não-endereçado(s) são complicadas, significativas e pouco exploradas, continua o autor. Assim, a conversa pode se deslocar para tópicos particulares, progressivamente esfriando o envolvimento dos demais participantes, e assim por diante.

Essas questões relacionadas ao dialogismo e à avaliação preparam-nos para a noção de intersubjetividade, um passo além da subjetividade, segundo Kärkkäinen (2006), que advoga a noção de avaliação "não apenas como uma dimensão

² O ouvinte ratificado pode não estar escutando (bem como o não-ratificado pode estar escutando).

subjetiva, mas também como um compromisso intersubjetivo com outras subjetividades" (DU BOIS, 2000).

2.6.1 A Intersubjetividade

A atitude avaliativa no discurso, afirma Kärkkäinen (2006), não é a apresentação linguística transparente de "estados internos" de conhecimento, mas é o resultado da interação dialógica entre falantes e ouvintes, o que significa que essa atitude não é uma dimensão subjetiva da linguagem, mas sim um ponto *intersubjetivo*. Mas, a tradição tem considerado a avaliação apenas do ponto de vista do falante individual, como uma posição mental estática e isolada ou como um estado interior do falante.

Após citar vários trabalhos sobre o assunto (BIBER ET AL., 1999; BYBEE; HOPPER, 2001; THOMPSON; HOPPER, 2001; SCHEIBMAN, 2001), entre outros, a autora propõe dar um passo além, para tratar da avaliação de um ponto de vista mais dialógico, dinâmico e emergente, caracterizando-se como uma noção intersubjetiva e não apenas subjetiva da linguagem. Nesse sentido, ela recorre a Du Bois (2000, 2002, 2004, no prelo), para quem a noção de avaliação encerra um compromisso intersubjetivo com outras subjetividades, já que "sem a intersubjetividade, a subjetividade fica inarticulada, incoerente, não-formada" (DU BOIS, 2004). Não é outra a opinião de Hunston e Thompson (2000, p.143), para quem "a expressão de atitude não é uma questão pessoal, ou seja, o falante avaliando o mundo, expressando julgamento e apreciações no vácuo, mas, sim, uma questão interpessoal em que um posicionamento do autor espera uma resposta de solidariedade do interlocutor. Os interactantes no discurso alcançam a compreensão intersubjetiva da conversa de acordo com sua própria compreensão (suas subjetividades), enquanto corrigem ou confirmam as de seus co-participantes (HERITAGE, 1984; NOFSINGER, 1991; HUTCHBY; WOOLFITT, 1998, apud KÄRKKÄINEN, 2006).

Passo a tratar da Gramática Sistêmico-Funcional, que fornece a metodologia básica de análise para a Linguística Crítica, e em cujo bojo encontra-se a noção de Transitividade, bem como da Avaliatividade, a avaliação que percorre o discurso,

tanto na forma explícita quanto na implícita, aqui envolvendo recursos retóricos como o "apito do cão" e o "contrabando" de informação.

Passo, então, a apresentar a teoria que embasará, basicamente, a minha análise do discurso de Edir Macedo, a Gramática Sistemico-Funcional (GSF). Conforme já nos referimos, a GSF tem recebido várias contribuições, como a teoria da Avaliatividade, bem como tem sido indicada para servir aos propósitos da Análise do Discurso Crítica.

A seguir, no Quadro 6, apresento um resumo das teorias até aqui tratadas. Assim, a análise da "Oração" de Edir Macedo examina a persuasão que percorre seu discurso de caráter religioso, contando com os seguintes recursos: a manipulação da audiência, apoiada na representação específica tecida no discurso da "Oração", e que, por sua vez, é legitimada com apoio em emoções, futuro hipotético, racionalidade hipotética, vozes de *experts* e altruísmo, que envolve argumentos intelectuais, racionais e legais. Tudo isso cria um "mundo textual", envolvendo o discurso com uma aura de veracidade, que será examinada pela Linguística Crítica, com apoio na Gramática Sistemico-Funcional e seu sistema da Transitividade, da metafunção Ideacional, bem como dos papéis sociais e da teoria da Avaliatividade, da metafunção Interpessoal.

2.7 A Linguística Crítica

A pesquisa sobre discurso, diz Fairclough (1992a), pode acolher dois tipos de abordagem, de acordo com sua natureza: *críticas* e *não-críticas*. De acordo com Caldas-Coulthard (1997), a abordagem crítica do discurso inclui a Linguística Crítica, de Fowler et al (1979) e Fowler (1991); o trabalho de Fairclough sobre linguagem e poder (1989, 1992a, 1992b); a abordagem da análise do discurso desenvolvida por Pêcheux (1982); estudos culturais desenvolvidos mais recentemente (SCANELL, 1991) e os trabalhos sobre linguagem e gênero (CAMERON, 1985, 1990; CALDAS-COUTHARD, 1997, entre outros).

A Linguística Crítica é uma proposta de Fowler (1991), para quem, embora, na teoria, todos reconheçam a importância da língua no processo da construção do discurso, na prática, a língua não tem recebido o tratamento devido. O autor tem

como meta dar à língua a devida importância, não somente como um instrumento de análise, mas também como integrante de uma teoria geral da representação.

Qualquer aspecto da estrutura linguística carrega significado ideológico: seleção lexical, opção sintática, etc. – todos contribuem nesse sentido, diz Fowler. Pode-se dizer a mesma coisa, de modos diferentes, mas esses modos não são alternativas acidentais. Diferenças em expressão trazem distinções ideológicas e, assim, diferenças de representação. A língua não é uma janela límpida, mas um meio de refração e de estruturação e, como consequência, a visão do mundo resultante será necessariamente parcial. Qualquer coisa que se diga ou se escreva sobre o mundo estará articulada de uma posição ideologicamente específica: é o que Fowler chama de "viés de representação".

E já que a ideologia estará sempre imbricada na linguagem, diz ele, deve ser justificável praticar um tipo de linguística direcionada para a compreensão de tais valores, e propõe a Linguística Crítica (LC). A LC usa "instrumentos linguísticos próprios e com referência a contextos históricos e sociais relevantes, para trazer a ideologia, normalmente escondida pela habitualização do discurso, à superfície para inspeção" (FOWLER, 1991, p. 89).

A LC interessa-se pelas relações entre signo, significado e o contexto sócio-histórico que governam a estrutura semiótica do discurso, e procura, estudando detalhes da estrutura linguística situada social e historicamente de um texto, trazer, para o nível da consciência, os padrões de crenças e valores codificados na língua, mas que estão implícitos e daí serem invisíveis para quem aceita o discurso como algo "natural". Para o autor, a Gramática Sistemico-Funcional (HALLIDAY, 1994, 2004), uma teoria multifuncional, é a proposta metodológica mais adequada para esse tipo de análise.

Quadro 6 - Resumo dos itens que integram a análise do discurso da pregação

Análise de cunho crítico A PERSUSÃO NO GÊNERO PREGAÇÃO SOB O ENFOQUE DA GRAMÁTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL	
Perguntas de Pesquisa: (a) de que recursos persuasivos se vale o discurso de Edir Macedo para construir um "mundo textual"?; (b) como pode a Linguística Crítica, com base na análise da microestrutura do texto, segundo a GSF, desconstruir esse mundo textual?	
A criação do mundo "textual"	
<i>Macroestrutura</i>	<i>Microestrutura</i>
O Gênero da Pregação Representação Legitimação Argumentação Ideologia Manipulação Intertextualidade Intersubjetividade	A Gramática Sistemico-Funcional Metafunção Ideacional: Transitividade Metafunção Interpessoal: (i) Avaliatividade (explícita e implícita) (ii) Papéis interacionais: de atuação e de projeção) (iii) Animador - Autor - Responsável

Fonte: Lima (2012).

3 METODOLOGIA

3.1 Dados

A "Oração", do bispo Edir Macedo, integra a pregação intitulada "Igreja Universal Casa da Moeda", e foi retirada do *Youtube*, no dia 28/05/2012 às 19h. A pregação foi postada por mrfranciscosales, em 28/12/2011.

Link do vídeo: <http://www.youtube.com/watch?v=a2i6p7M8Saw&feature=relmfu>

A análise restringiu-se a alguns trechos de "Oração", como marquei no texto, na íntegra, colocado no Anexo A.

3.2 Procedimentos de Análise

A análise - de cunho crítico - deverá obedecer às seguintes etapas, para responder às perguntas de pesquisa: (a) de que recursos persuasivos se vale o discurso de Edir Macedo para construir um "mundo textual"?; (b) como pode a Linguística Crítica, com base na análise da microestrutura do texto, segundo a GSF, desconstruir esse mundo textual?

Primeiramente, estabeleço o contexto social do discurso da pregação religiosa, nos termos da GSF, examinando o contexto cultural, ou **Gênero**, e o contexto situacional, ou **Registro**, com suas variáveis de Campo, Relações e Modo.

Feito isso, o texto "Oração" é dividido em trechos - para facilitar a relação da análise com a respectiva discussão. A seguir, o texto será analisado sob a perspectiva:

- (a) Metafunção Ideacional: o sistema da Transitividade;
- (b) Metafunção Interpessoal: a Avaliatividade (Atitude: Afeto, Julgamento, Apreciação e Avaliação Social); os papéis desempenhados e projetados, além dos papéis de animador, autor, responsável);
- (c) Discussão: quando tratarei dos resultados dos itens (a) e (b), incluindo comentários sobre a criação do "mundo textual", para a qual contribuem: a persuasão manipulativa do ouvinte, por meio da representação no discurso e da sua legitimização apoiada em argumentos, além de vozes que o pregador

traz para o discurso como apoio ao processo persuasivo. Todos esses recursos representam uma tentativa de anular o posicionamento crítico dos seus receptores.

NOTA: A metafunção Textual não será examinada nesta dissertação.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 Verificação do Registro - contexto de situação

Com a finalidade de diminuir a subjetividade da análise, Goatly (1997) sugere que o contexto situacional em que o texto foi construído seja examinado, por meio das variáveis de registro:

Campo: Oração feita por um pastor evangélico, dirigindo-se a Deus, ao mesmo tempo em que convence os fiéis a doarem seu dízimo para a construção de um Templo.

Relações: Pastor falando a Deus em nome do povo, tendo este como ouvinte não-ratificado.

Modo: Pregação religiosa oral.

4.2 Análise da Transitividade e da Avaliatividade.

Cada trecho é analisado, segundo:

- (i) a **[T]**: Transitividade (sublinhada) e, nas linhas seguintes,
- (ii) a **[A]**: **Avaliatividade** (negritada), indicada com (+) ou (-), se positiva ou negativa; a Graduação, indicada com (↑) ou (↓), se aumentada ou diminuída;
- (iii) aos **[P]**: *Papéis [desempenhado, projetado, animador, autor, responsável]*.

4.2.1 Análise do Trecho 1

ORAÇÃO				Edir Macedo
<u>Em o nome do Senhor Jesus, meu Pai, nós, teus servos,</u>				
[T]	Circunstância	Portador	Portador	
[A]	Julgamento(+)			
[P]	Responsável	Projetado: Nomeação		
<u>estamos imbuídos dessa fé na construção do Teu Templo...</u>				
[T]	Relacional	Atributo	Circunstância: Finalidade	
[A]	Avaliação Social(+)			
<u>um Templo</u> que não <u>será (construído)</u> para a <u>minha glória,</u>				
[T]	Meta	Material	Beneficiário	
[A]	Julgamento(+)			
nem (será construído) para a <u>glória da igreja Universal...</u>				
	Material	Beneficiário		
	Avaliação Social (+)			
mas <u>para a tua glória,</u> <u>meu Pai...</u>				
[T]	Beneficiário	(Vocativo: metafunção Interpessoal) ³		
[A]	Avaliação Social(+)			
[P]				
porque ali <u>pessoas do mundo inteiro</u> virão <u>ver</u> o <u>Templo,</u>				
	Ator	Material	Material	Meta
	Avaliação Social(+) Graduação ↑			
<u>cua arquitetura, o desenho arquitetônico</u> foi <u>feito</u> por <u>Ti.</u>				
	Meta	Material	Ator	
	Apreciação(+)			
Discussão do Trecho 1				
A pregação inicia-se com Edir Macedo (doravante EM), dirigindo-se a Deus, como seu ouvinte ratificado, e os fiéis como ouvintes não-ratificados, mas o contexto mostra que essa relação deve ser invertida. Suas palavras dirigem-se aos fiéis presentes na Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), estes, sim, seus ouvintes ratificados, que são convidados a erguer um Templo.				

³ O Vocativo é uma categoria da Metafunção Interpessoal, mas decidi colocá-lo na Metafunção Ideacional, para não somente evitar a poluição visual da análise, mas também porque não o considero uma avaliação.

A construção desse Templo legitimiza-se, não só pela revelação de se tratar de um desígnio divino, mas também pelo fator altruísmo, já que não será construído em benefício de EM, e nem da IURD. EM é mero Animador das palavras do Autor, Deus. Além desse argumento, há outro, legitimizado por futuro hipotético, insinuado pelo lucro financeiro que significa o interesse do mundo inteiro no Templo.

Todo o trecho é caracterizado por Avaliatividade positiva, que concorre para a criação de "mundo textual" pleno de situações promissoras.

4.2.2 Análise do Trecho 2

Oh, <u>Poderoso de Israel!</u> <u>É</u> <u>único</u> em todo o mundo. <u>Único!</u>			
Vocativo	Relacional	Atributo	Atributo
Julgamento (+)	Apreciação (+)	Graduação ↑	
Projeção: nomeação			
<u>Ninguém... ninguém</u>	<u>teve a ideia ou ousadia e coragem</u>	para <u>fazê-</u>	lo.
Experienciador	Mental	Material	Meta
Julgamento (+)			
<u>Nós</u>	<u>tivemos...</u>	porque <u>nós</u>	<u>cremos</u> <u>na grandeza do Senhor...</u>
Experienciador	Mental	Experienciador	Mental Fenômeno
Avaliação Social (+)		Julgamento (+)	
Nomeação: Deus			
porque o <u>Senhor</u>	<u>é</u>	<u>grande,</u>	
Portador	Relacional	Atributo	
Julgamento (+)			
<u>coisas grandes</u>	tem que <u>acontecer...</u>	oh, <u>Poderoso de Israel.</u>	
Existente	Atributo	Existencial	Vocativo
Avaliação social (+)		Julgamento (+)	
Nomeação			

"mundo textual", nem sempre condizente com o mundo factual.

4.2.3 Análise do Trecho 3

Mas <u>nós</u>	<u>estamos</u>	<u>numa situação delicada</u>	<u>por conta da...das obras,</u>
Portador	Relacional	Atributo	Circunstância: Causa
Avaliação Social (-)			
<u>nós</u>	<u>precisamos</u>	<u>de ouro, prata, bronze...</u>	<u>nós</u> <u>precisamos,</u>
Portador	Relacional *	Atributo	Portador Relacional
Avaliação Social (-)			
* Precisamos = estamos necessitados			
<u>meu Deus,</u>	<u>da mesma forma</u>	que <u>Moisés</u>	<u>precisou</u>
Vocativo	Circunstância: Comparação	Portador	Relacional
Afeto(-)			
Voz de profeta			
e <u>também</u>	<u>Salomão,</u>	<u>nós</u> também	<u>precisamos</u> <u>de condições econômicas,</u>
(precisou)	Portador	Portador	Relacional Atributo
Voz de rei Avaliação social (-)			
mas <u>essas condições econômicas,</u>	<u>meu Pai,</u>	não vão <u>vir</u>	dos <u>incrédulos,</u>
Ator		Material	Circunstância:Meio
Julgamento (-)			
Projeção: Nomeação		Projeção: Nomeação	
nem (<u>virão</u>)	<u>do Governo,</u>	nem <u>de ninguém,</u>	
Material	Circunstância	Circunstância	
Avaliação Social(-)			
<u>ela</u>	<u>vem</u>	<u>do teu povo, o teu povo...</u>	mas para que
Ator	Material	Circunstância	
Avaliação Social (+)			
<u>o teu povo</u>	<u>possa</u>	<u>dar ,</u>	<u>ele</u> precisa <u>receber.</u>
Ator		Material	Beneficiário. Material
Possibilidade			
então, <u>meu Pai,</u>	<u>nós</u>	<u>oramos</u>	<u>nesta certeza...</u> <u>nós</u> <u>oramos</u> para que agora,
Dizente		Verbal	Dizente Verbal
Afeto(+)			
Projeção: Nomeação			
nesse momento, o <u>Senhor</u> venha	<u>abençoar</u>	<u>vida econômica</u>	<u>dessa gente.</u>
Ator	Material	Meta	Beneficiário
Avaliação Social(+)			

Discussão do Trecho 3 Há, porém, um empecilho para a construção do Templo. A IURD precisa de dinheiro, fato que se traduz em Avaliatividade (-) que agora surge no texto. Mas, para convencer os fiéis de que esse problema não é exclusivo da IURD, EM representa a situação de carência fazendo comparações com a inserção de vozes de personalidades famosas e poderosas do mundo religioso. Essa situação lembra o fenômeno do "contrabando de informação" pelo qual a menção de Moisés e Salomão desencadeia uma série de Julgamentos (+), presentes na ideologia das pessoas, que assim aceitam sem julgar as garantias subjacentes à persuasão feita por EM. Assim, a argumentação apoia-se mais na emoção do que no racional, embora ele cite fatos históricos. Feito isso, EM recorre à legitimização por meio do futuro hipotético, pedindo ao Senhor que dê riqueza aos seus fiéis, criando um mundo textual, que pode ser aceito por aqueles que têm fé no Senhor. A ausência da reversibilidade explica o discurso religioso: neste, a reversibilidade é estancada, porque o ouvinte e o locutor são totalmente capturados pela palavra, no caso, a palavra de Deus. Apaga-se, desse modo, como diz Althusser, qualquer possibilidade de um sujeito-leitor (das Escrituras).

4.2.4 Análise do Trecho 4

<u>Meu Pai,</u>	<u>mesmo</u>	<u>antes de terminar esse ano,</u>
Vocativo	Circunstância	Circunstância
Gradação/Força↑		
Projeção: Nomeação		
<u>nós</u>	<u>queremos</u>	<u>ver</u> <u>esses milagres</u> <u>acontecendo...</u>
Ator		Material Meta Existencial
Desejabilidade		
NOTA: Ver (intencional): metáfora de Processo: Material em lugar de Mental		
<u>nós</u> <u>queremos</u> <u>ver,</u> <u>meu Deus,</u>		

<u>meu Deus,</u>	<u>o fruto da fé</u>	<u>acontecendo</u>	<u>na vida dessa gente</u>
Vocativo	Existente	Existencial	Circunstância
<u>Nós</u>	<u>queremos</u>	<u>vê-</u>	<u>la</u> <u>próspera...</u> <u>eu</u> <u>quero</u> <u>ver,</u>
Ator	Material	Meta	Ator
	Desejabilidade	Avaliação social (+)	Desejabilidade
<u>meu Deus,</u>	<u>o teu povo</u>	(ser) <u>rico, próspero, abastado</u>	
	Meta	Atributo	
		Avaliação Social (+)	
para que,	então,	<u>a tua obra</u>	seja <u>concluída.</u> (pelo povo)
		Meta	Material
			Ator
<u>Meu Pai</u>	<u>amado e querido,</u>	<u>eu</u> <u>te</u> <u>peço</u>	<u>pelos dizimistas e ofertantes</u>
Vocativo		dizente receptor	Beneficiário
	Julgamento(+)		Julgamento (+)
<u>em todo o mundo,</u>	<u>meu Senhor,</u>		
Circunstância	Vocativo		
Graduação ↑			
<u>onde quer que</u>	<u>haja</u>	<u>um dizimista e ofertante</u>	
Circunstância	Existencial	Existente	
Graduação ↑		Julgamento (+)	
<u>Ele</u>	<u>tem</u>	<u>direitos,</u>	<u>ele</u> <u>tem</u> <u>direitos</u> <u>diante de Ti!</u>
Portador	Relacional	Atributo	Portador
		Afeto(+)	Afeto(+)
Porque <u>ele</u>	<u>tem crido</u>	<u>na Tua Palavra,</u>	então <u>tem que acontecer</u>
Experienciador	Mental	Fenômeno	Existencial
	Julgamento (+)		Obrigação
<u>Riquezas,</u>	<u>tem que haver</u>	<u>prosperidade,</u>	<u>tem que haver</u> <u>portas abertas.</u>
Existente	Existencial	Existente	Existencial
	Obrigação		Obrigação
Discussão do Trecho 4			
Neste trecho, depois de deixar claro que construção do Templo é uma vontade divina e que há falta de recursos, ED parte uma argumentação pretensamente racional, com base na relação de causa e efeito: o fiel é dizimista porque acredita no			

Senhor → o Senhor deve conceder a graça do milagre da prosperidade. Se bem que a análise mostre uma confusão entre dois fatos: (i) no início do trecho, com base nos trechos anteriores da pregação, o Senhor deve dar prosperidade aos fiéis, porque eles acreditam Nele; (ii) a partir do meio do trecho analisado, o Senhor deve dar prosperidade àqueles que são dizimistas.

Essa segunda opção coloca o fiel em uma situação em que, sendo dizimista, estaria automaticamente imbuído do papel de cobrador em relação ao Pai, mostrada por metáfora de Processo: Processo Mental (*ver*), com significado de Material, graças à Modalidade de Desejabilidade (**quer** *ver*). Mas essa cobrança é suavizada pelo Processo Existencial (*acontecer*), pois "as riquezas tem que acontecer", algo como: *devem acontecer naturalmente*, e não como se o Senhor devesse fazer (Processo Material) algo nesse sentido. O trecho apresenta, assim, vários Processos Existenciais.

O mundo textual é construído por Avaliatividade (+), falando de riqueza, de um Pai querido, entremeado por legitimização de futuro hipotético: se for dizimista, com certeza terá prosperidade, é a palavra do Senhor ("tem crido").

4.2.5 Análise do Trecho 5

Então, preste atenção, por favor: <u>os obreiros</u> <u>têm</u> <u>os envelopes dos dízimos</u>				
	Portador	Relacional	Atributo	
Obrigação	Projeção: Nomeação			
<u>Você</u> que vai, que quer <u>(ter)</u> <u>o envelope do dízimo</u> , ou que vai <u>ser</u> fiel				
Portador	Relacional possessivo		Atributo	Relacional Atributo
Desejabilidade			Julgamento (+)	
<u>a partir de agora desse ano novo</u> , por favor, <u>(você)</u> <u>pegue</u> <u>o envelope</u>				
Circunstância		Ator	Material	Meta
<u>agora, aí onde você está</u> , <u>eles</u> vão <u>levar</u> . E se <u>você</u> não <u>tem</u>				
Circunstância		Ator	Material	Portador Relacional
<u>o envelope do dízimo</u> , por favor, <u>(você)</u> <u>pegue</u> <u>(o envelope)</u> <u>aí agora</u> ;				
Atributo		Ator	Material	Meta Circunstância

<u>receba</u>	<u>em nome do Senhor Jesus.</u>	<u>Comece</u>	<u>o ano</u>	<u>sendo</u>	<u>fiel.</u>
Material	Circunstância	Material	Meta	Relac.	Atributo
Obrigação					Julgamento (+)
<u>temente a Deus</u>	<u>nos seus dízimos.</u>				
Atributo	Circunstância				
Julgamento (+)	Apreciação(-) Token				
Discussão do Trecho 5					
Neste Trecho, EM fala diretamente aos fiéis. A relação é marcada por Modulação de Obrigação explícita (modo imperativo como: "pegue", "preste atenção", "quer", "comece", "receba") ou implícita, com apoio na voz divina ("receba em nome do Senhor Jesus"), instigando os fiéis a oferecerem o dízimo, numa atitude de cobrança quase ameaçadora ("temente a Deus nos seus dízimos").					
Os Processos Materiais e Relacionais denunciam a situação de pressão psicológica reinante no ambiente: Os Relacionais são do tipo possessivo, ou seja, você precisa ter o envelope para o depósito do dízimo; os Materiais respondem pelos Processos no modo imperativo, acima citados. Essa linguagem manipulativa predomina nesta fase da construção do mundo textual.					

4.2.6 Análise do Trecho 6

<u>Eu</u>	me	<u>lembro</u>	<u>que...em Dezembro...é...de mil oitocentos e</u>
Experienciador		Mental	Circunstância
<u>não sei o quê...</u>	<u>eu</u> comecei a...	<u>eu</u>	<u>determinei...</u> <u>eu</u> <u>determinei</u>
	Ator	Mental	Experienciador Mental
Julgamento(+)			
<u>ser</u>	<u>eu</u>	<u>dizimista.</u>	É...tô <u>brincando.</u> <u>Em mil...</u> sei lá...hã...
Relacional	Portador	Atributo	Material Circunstância
Julgamento(+)			
<u>já faz tempo.</u>	<u>do tempo da...da onça.</u>	<u>eu</u>	<u>falei: esse ano de...que entra</u>
	Circunstância	Apreciação(+)	Dizente Verbal Verbiagem

<u>agora eu vou começar a ser dizimista,</u>	<u>e a partir daquele momento</u>	Circunstância
<u>a minha vida</u>	começou a <u>ser</u>	<u>diferente.</u>
Portador	Relacional	Atributo
Apreciação (+) <i>Token</i> [dado pelo contexto]		
Primeiro, em princípio, começou	<u>ser</u>	<u>abençoado espiritualmente...</u>
	Relacional	Atributo
Afeto(+)		
<u>Eu</u>	<u>fui</u>	<u>abençoado espiritualmente.</u>
Experienciador	Relacional	Atributo
Afeto(+)		
E depois, <u>com a cobrança</u>	<u>veio</u>	<u>a bênção econômica...</u> graças a Deus!
Circunstância	Existencial	Existente
Afeto(+)		
<u>Isso</u>	tem que <u>acontecer</u>	na sua vida...amém?
Existente	Existencial	
Obrigação		
Discussão do Trecho 6 EM, agora, tenta convencer seus fiéis - a respeito da doação do dízimo - não mais pela persuasão via sedução, mas pela via convicção, oferecendo seu próprio testemunho: sua situação financeira real parece provar que, de fato, foi agraciado com a bênção econômica, como afirma. A legitimização no caso tem a aparência de racional, mas é, na realidade, emocional, pois apoia-se muito mais no carisma do pregador: não há como provar que, realmente, sua situação de bem estar financeiro tenha advindo de sua decisão de tornar-se um dizimista. A declaração de EM pode ocultar uma falácia em termos argumentativos. Os Processos Verbal e Existencial mostram, respectivamente, a fala de EM dando testemunho da bênção econômica e de como essa bênção nasce automaticamente, como consequência da doação de dízimo.		

4.3 Discussão Geral da Análise

A pregação "Oração", de Edir Macedo (doravante EM), mostra o pregador invertendo a dicotomia ouvinte ratificado versus não-ratificado de maneira específica: não é Deus - a quem ele aparentemente se dirige - o seu ouvinte ratificado, mas, sim, os ouvintes, da Igreja Universal do Reino do Ceú (IURD), que, inicialmente, parecem ser seus ouvintes não-ratificados. Assim, ele o faz para solicitar a ajuda dos presentes a erguer um Templo, dito um desígnio divino.

A pregação apoia-se na construção de um "mundo textual", por meio da representação segundo EM, das circunstâncias que cercam essa edificação. Para tanto ele lança mão de vários recursos de legitimização, tal como o do 'altruísmo', já que o Templo será construído somente em prol da glória de Deus, ou, também, do recurso do 'futuro hipotético', representando pelas vantagens financeiras advindas da visita do mundo inteiro ao Templo. Nesse contexto, caracterizado por Avaliatividade positiva, pleno de promessas compensadoras, EM se coloca como mero Animador das palavras que, supostamente, seriam de Deus, seu verdadeiro Autor, iniciando a criação do mundo textual.

O tom marcado Avaliatividade positiva continua quando EM tenta legitimizar suas palavras por meio do fator 'emoção', enfocando tanto a coragem dos fiéis, quanto a grandeza, o poder do Senhor. Notemos que, por falta de dados para evidenciar essa forma de argumentação, essa tentativa pode ser classificada como uma falácia, que, no entanto, contribui para a criação do mundo textual.

O problema é a falta de recursos financeiros para a construção do Templo. Para convencer sua platéia de que essa questão pode ser superada, EM cita respeitados nomes do mundo religioso, presentes na ideologia dos presentes, que teriam enfrentado problemas semelhantes em situações igualmente semelhantes. EM está recorrendo, assim, ao chamado "contrabando de informação" pelo qual a menção de Moisés e Salomão desencadeia uma série de Julgamentos (+) na mente dos fiéis da IURD, que tendem, desse modo, a aceitar sem discussão sua pregação.

Tudo isso concorre para o fenômeno da ausência de reversibilidade, que caracteriza o discurso religioso, porque os interlocutores são totalmente capturados pela palavra, no caso, a palavra de Deus. Na situação em análise, EM apropria-se dessa característica para apagar qualquer possibilidade de um sujeito-leitor (das

escrituras). Disso decorre a crença do fiel de que o Senhor deve dar prosperidade apenas aos dizimistas, e não somente àqueles que crêem em suas palavras, como foi colocado inicialmente, Já que a pretensa palavra de Deus, saída da boca de EM, é a verdade contra a qual nenhum fiel tem o direito de duvidar.

Nessa situação, há uma promessa que legitimiza o dizimista: para ele as graças divinas virão automaticamente, fato esse expresso por vários processos Existenciais, as coisas simplesmente surgem, movias pela força da ação dizimista. Feito isso, o discurso muda tanto no que se refere ao ouvinte ratificado, agora os fiéis, a quem EM se dirige diretamente, quanto no que se refere à Modalidade de Obrigação, em uma mistura de escolhas léxico-gramaticais explícitos, como é o Modo imperativo, quanto pela inclusão da voz divina na cobrança do dízimo.

Os Processos Materiais e Relacionais, de presença marcante no trecho, incitam psicologicamente os fiéis em direção à doação do dízimo: o fiel deve ser o Ator (Processos Materiais) na contribuição, pois tem (Processo Relacional) situação financeira para tanto.

Finalmente, EM, desvia-se do caminho da persuasão sedutora, oferecendo seu próprio testemunho (aceito como verdadeiro nesse mundo que vai sendo criado): ele mesmo após decidir-se em ser dizimista, teria conseguido a bênção econômica. A legitimização, aparentemente racional, é, na realidade, muito mais emocional, pois apoia-se muito mais no carisma do pregador: não há como provar sua afirmação, do que se pode concluir que sua declaração pode ocultar uma falácia em termos argumentativos. Os Processos Verbal e Existencial mostram a fala de EM dando testemunho da bênção econômica e de como essa bênção nasceu automaticamente, como consequência da doação de dízimo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa do gênero da pregação de Edir Macedo, "Oração", nesta dissertação de mestrado, teve como meta o exame crítico da persuasão que percorre, via construção de um "mundo textual", o discurso de pregação de Edir Macedo, "Oração". Espero ter conseguido responder às seguintes perguntas: (a) de que recursos persuasivos se vale o discurso de Edir Macedo para construir um "mundo textual"?; (b) como pode a Linguística Crítica, com base na análise da microestrutura do texto, segundo a GSF, desconstruir esse mundo textual?

A análise mostrou que a pregação de EM, na tentativa de persuadir os fiéis da IURD, apoiou-se na representação do significado do dízimo, ligando-o à necessidade de erguer um Templo, cuja idealização teria partido do próprio Senhor. Essa representação é legitimizada por Edir Macedo por meio do apoio em todos os tipos de legitimização possíveis: emoção, futuro hipotético, racionalização, vozeamento, altruísmo.

Esses tipos, por outro lado, amparam uma argumentação que percorre todo o texto, e que conta com o enquadre mental dos ouvintes - a ideologia que permeia o discurso - com o fim evidente de manipulação. A análise mostra que recursos como o contrabando de informação, Avaliatividade implícita, falácia, e principalmente o carisma e a habilidade do pregador contribuem decisivamente para a persuasão de seu discurso.

Todos esses recursos que estão contidos na macroestrutura do texto puderam ser detectados por meio da análise da sua microestrutura, por meio da Transitividade, da Avaliatividade e dos papéis projetados sobre os Participantes, apoio propiciado pela Gramática Sistêmico-Funcional. Fica aqui a constatação de como o conhecimento desses elementos da gramática - hoje enriquecida pelas dimensões semântica e pragmática, é essencial para a compreensão de um texto e para o posicionamento crítico do leitor. Existe uma miríade de possibilidades persuasivas, nem sempre a favor do leitor, e esse fato exige que o receptor do texto esteja preparado para enfrentar essa realidade.

Para mim, esse período em que me envolvi no exame das teorias que embasam a análise de "Oração", revelou-me novas perspectivas de estudo e de ensino de língua. A análise que antes fazia com meus alunos era praticamente muito semelhante ao conteúdo que já estava expresso no texto, não indo muito além

disso. Não imaginava que o sistema linguístico propiciasse determinadas escolhas que escondiam fatos como a criação do "mundo textual", com o apoio de recursos retóricos que instrumentassem o falante na sua meta de persuadir o interlocutor.

Em termos da área da Linguística Aplicada, espero que esta pesquisa possa significar a minha contribuição para que ela seja levada às salas de aula, o que julgo não estar ainda tendo a acolhida que merece. Tenho colhido frutos promissores que me propiciaram um crescimento, tanto na produção da escrita, como também na interação com a classe, uma consequência indireta da assimilação de propostas teórico-metodológicas que este mestrado me proporcionou. Sinal disso é que a minha atividade como professor de Português enriqueceu-se notavelmente durante esta pesquisa, tendo tornado minhas aulas em momentos de fruição mais agradável e significativa.

REFERÊNCIAS

ADAM, J.M.; HEIDMANN, U. Des genres à la généricité: l'exemple des contes (Perrault et les Grimm) (From genres to genericity; the case of tales (Perrault and the Grimm brothers)). *Langages*, v.153, p. 62–72, 2004.

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de estado*. Tradução de Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

ARENDT, H. *A Condição Humana*. Tradução de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

ARNOUX, E. B. N. La reformulación interdiscursiva en “análisis del discurso”. In: CONGRESO NACIONAL DE INVESTIGACIONES LINGÜÍSTICAS Y FILOLÓGICAS, 5., 2004, Lima. *Anales...* Lima: Universidad Ricardo Palma, 2004.

_____. BLANCO, M. I. Otras formas de persuasión: la interpretación de textos bíblicos. In: CONGRESO INTERNACIONAL LA ARGUMENTACIÓN: LINGÜÍSTICA, RETÓRICA, LÓGICA, PEDAGOGÍA, 2003, Buenos Aires. *Anales...* Buenos Aires, Universidad de Buenos Aires, 2003.

_____. BONNIN, J. E. Entre la religión y la política: potencialidades y límites del discurso de Fernando Lugo. In: ZIMMERMAN, M.; BALBOA, O. L. (Eds.). *¿Nuevo amanecer? Las dimensiones culturales en los giros de la izquierda en América Latina*. Houston-Puebla de los Ángeles: LACASABooks, Universidad Autónoma de Puebla, 2011.

AUGOUSTINOS, M.; WALKER, I. *Social cognition: an integrated introduction*. Londres: Sage, 1995.

BAKHTIN, M. Speech genres and other late essays. C. Emerson and M. Holquist (Eds., V. W. McGee, Trans.), Austin, TX: University of Texas Press, 1986.

- _____. Speech genres and other late essays. C. Emerson and M. Holquist (Eds., V. W. McGee, Trans.), Austin, TX: University of Texas Press, p.60, 1986 [1953].
- BANKS, D. Emerging scientific discourse in the late seventeenth century. *Functions of language*, v.12, n.1, p. 65-86, 2005.
- BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BIBER, D. et al. The grammatical marking of stance. In: *The Longman grammar of spoken and written english*. Londres: Longman, 1999.
- BLOMMAERT, J. Bernstein and poetics revisited: voice, globalization and education. *Discourse & Society*, v. 19, n. 4, p. 425-451, 2008.
- BONNIN, J. E. From discursive event to discourse événement: a case study of political-religious discourse in Argentina. *Discourse & Society*, v.22, p.677-692, 2011.
- _____. Posiciones y posicionamientos: análisis comparativo de discursos religiosos y políticos. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, v. 4, n. 6, 2006.
- _____. Religious and political discourse in Argentina: the case of reconciliation. *Discourse & Society*, v. 20, n. 3, p. 327-343, 2009.
- BOURDIEU, P. *Langage et pouvoir symbolique*. Paris: Seuil, 2001.
- BYBEE, J.; HOPPER, P. *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam: Benjamins, 2001.
- CALDAS-COUTHARD, C. R.; COUTHARD, M. *Texts and practices: readings in critical discourse analysis*. Londres: Routledge, 1997.
- CAMERON, D. *Feminism and linguistic theory*. Londres: Routledge, 1985.

_____. (Ed.). *The feminist critique of language, a reader*. Londres: Routledge, 1990.

CENSO 2010 aponta migração de fiéis da Universal do Reino de Deus para outras igrejas evangélicas. Uol, Rio de Janeiro, 29 jun. 2012. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2012/06/29/censo-2010-aponta-migracao-de-fieis-da-universal-do-reino-de-deus-para-outras-igrejas.htm>>. Acesso em: 25 mar. 2013.

CHANG, G. C.; MEHAN, H. B. Discourse in a religious mode: the Bush administration's discourse in the war on terrorism and its challenges. *PragmaUtics*, v. 16, n. 1, p. 1-23, 2006.

CHILTON, P. A. *Analysing political discourse: theory and practice*. London and New York: Routledge, p.110-134, 2004.

_____. SCHÄFFNER, C. Discourse and politics. In: DIJK, T. A. van (Ed.). *Discourse as social interaction: discourse studies: a multidisciplinary introduction*. London, Thousand Oaks, and New Delhi: Sage Publications, v. 2, p.213, 1997.

CHOULIARAKI, L. Media discourse and the public sphere. *Delta*, São Paulo, v. 21, n. esp., 2005, p. 45-72, 2005.

COFFIN, C.; O'HALLORAN, K. The role of appraisal and corpora in detecting covert evaluation. *Functions of Language*, v. 13, n. 1, p. 77-110, 2006.

DIAS, J. C.T.; SILVA, E. C. da. Uma pregação pentecostal. *Ciências da Religião – História e Sociedade*, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 163-178. 2010.

DOWNING, L. H. *Text world creation in advertising discourse*. Madrid: Universidad Autónoma de Madrid, 2003.

DU BOIS, J. Self-evidence and ritual speech. In: CHAFE, W.; NICHOLS, J. (Eds.). *Evidentiality: the linguistic coding of epistemology*. Norwood: Ablex, 1986.

_____. Taking a stance: Constituting the stance differential in dialogic interaction. Paper presented at the Annual Meeting of the American Anthropological Association, San Francisco, November 18, 2000.

_____. The intersubjectivity of interaction. In: BIENNIAL RICE UNIVERSITY SYMPOSIUM ON LINGUISTICS. Rice University: Houston, Texas, 2004.

_____. HOLLOWAY, B. E.; VALENTINE, J. C.; COOPER, H. Effectiveness of mentoring programs for youth: a meta-analytic review. *American Journal of Community Psychology*, v. 30, p. 157-197, 2002.

DUNMIRE, P. L. Preempting the future: rhetoric and ideology of the future in political discourse. *Discourse & Society*, v. 16, p. 481-513, 2005.

DZAMESHIE, A. Social motivations for politeness behavior in Christian sermonic discourse. *Anthropological Linguistics*, v. 37, n. 2, p. 192-215, 1995.

_____. The use of politeness strategies as solidarity and deference moves in Christian sermonic discourse. *The SECOL Review*, v. 17, p. 113-126, 1993.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FAIRCLOUGH, N. *Critical discourse analysis: the critical study of language*. London, UK: Longman, p.28-53.204, 1995.

_____. *Discourse and social change*. Cambridge: Polity Press, 1992a.

_____. Discourse and text: linguistic and intertextual analysis within discourse analysis. *Discourse & Society*, v. 3, n. 2, p.133.200-24, 1992.

_____. Language in new capitalism. *Discourse and Society*, v. 13, n. 2, p. 163-166, 2002.

FAUCONNIER, G. *Mental spaces*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

FERNANDES, R. C. *Novo Nascimento: os evangélicos em casa, na igreja e na política*. Rio de Janeiro, Iser, 1996 (mimeo.).

FERREIRA, I. de V. *O carisma do pregador pentecostal e a espetacularização do Evangelho*. In: Simpósio Nacional da ABHR, 13., 2012, Universidade Federal do Maranhão. Anais UFMA, 2012.

FIGUEIREDO, M. F. et al. Pregação religiosa: uma caracterização à luz da teoria dos gêneros. *Diálogos Pertinentes*, Franca, v. 5, 2009.

FOWLER, R. *Language in the news*. Londres: Routledge, 1991.

_____. *Linguistic criticism*. Oxford: Oxford University Press, 1986.

_____. HODGE, R.; KRESS, G.; TREW, T. *Language and control*. London: Routledge & Kegan Paul, 1979.

GOATLY, A. *The language of metaphors*. New York: Routledge, 1997.

GOFFMAN, E. Footing. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. *Sociolinguística Interacional*. Porto Alegre: AGE Editora, 1998.

HABERMAS, J. *Reason and the rationalization of society: the theory of communicative action*. Boston: Beacon Press, 1984. v.1.

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. Londres: Arnold, 2004.

_____. & Matthiessen, C. M. I. M. *An Introduction to Functional Grammar* (3^a ed.). London: Edward Arnold, 2004.

_____. *Language as social semiotic*. Edward Arnold: London, 1978.

_____. *An introduction to systemic-functional grammar*. Londres: Edward Arnold, 1994.

_____. *Explorations in the functions of language*. London: Edward Arnold, 1973.

HERITAGE, J. Garfinkel and ethnomethodology. Cambridge: Polity Press, 1984.

HOLQUIST, M. The politics of representation. *The Quarterly Newsletter of the Laboratory of Comparative Human Cognition*, v. 5, n. 1, p. 2-9, 1983.

HOWARD-MALVERDE, R. Words for our Lord of Huanca: discursive strategies in a Quechua sermon from southern Peru. *Anthropological Linguistics*, v. 40, n. 4, p. 570-595, 1998.

HUNSTON, S.; THOMPSON, G. (Eds.). *Evaluation in text*. Authorial stance and the construction of discourse. New York: Oxford University Press, p.143, 2000.

INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Novo Papa. Brasil, 2013. Disponível em: < <http://teen.ibge.gov.br/en/noticias-teen/3350-novo-papa>>. Acesso em: 25 mar. 2013.

KÄRKKÄINEN, E. Stance taking in conversation: from subjectivity to intersubjectivity. *Text & Talk*, v. 26, n. 6, p. 699-731, 2006.

KITIS, E.; MILAPIDES, M. Read it and believe it: how metaphor constructs ideology in news discourse, a case study. *Journal of Pragmatics*, v.28, p.557-590, 1997.

LACERDA, N. P. Igreja Universal do Reino de Deus: relações de poder e jogos de verdade. *Interdisciplinar*, v. 6, n. 6, p. 73-92, 2008.

LAKOFF, G. *Don't think of an elephant: know your values and frame the debate*. White River Junction, VT: Chealsea Green Publishing, 2004.

_____. JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

LEE, S.H. An integrative framework for the analyses of argumentative / persuasive essays from an interpersonal perspective. *Text & Talk*, v.28, n.2, p. 239-270, 2008.

LEMKE, J. L. Metamedia literacy: transforming meanings and media. In: REINKING, D. et al (Eds.), *Handbook of literacy and technology: transformations in a post-typographic world*. Mahwah, NJ: Erlbaum, p. 283-301, 1998.

LI, J. Transitivity and lexical cohesion: press representations of a political disaster and its actors. *Journal of Pragmatics*, v.42, n.12, p. 3444-3458, 2010.

LINELL, P. *Approaching dialogue: talk, interaction and contexts in dialogical perspectives*. Amsterdam: John Benjamins, 1998, p.144-5.

LUCHJENBROERS, J.; ALDRIDGE, M. Conceptual manipulation by metaphors and frames: dealing with rape victims in legal discourse. *Text & Talk*, v. 27, n. 3, p. 339-359, 2007.

MACKEN-HORARIK, M. APPRAISAL and the special instructiveness of narrative. *Text*, v. 23, n. 2, p. 287, 2003.

MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em Análise do Discurso*. Campinas: Pontes. 2ª ed., 1993.

MANNING, P. *Dog whistle politics and journalism*. Sydney: Australian Centre for Independent Journalists, 2004.

MARIANO, R. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. *Estudos Avançados*, São Paulo, v.18, n. 52, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010340142004000300010&script=sci_arttext>. Acesso em: 25 mar. 2013.

MARTIN, J. R. Beyond exchange: APPRAISAL systems in english. In: HUNSTON, Susan; THOMPSON, Geoff (Eds.). *Evaluation in text: authorial stance and the construction of discourse*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

_____. *English text: systems and structure*. Benjamins: Amsterdam, 1992, p.553-9.

MARTIN ROJO, L.; DIJK, T. A. van. "There was a problem, and it was Instituto de Linguística, Universidad solved!" Legitimizing the expulsion of de Buenos Aires. "Illegal" immigrants in Spanish parliamentary discourse. *Discourse and Society*, v. 8, n. 4, p. 523-567, 1997.

MATTHIESSEN, C. M.I.M. *Lexicogrammatical Cartography: English systems*. International Language Sciences Publishers: Tokyo, Taipei & Dallas, 1995.

MCCANN-MORTINMER, P. et al. "Race" and the Human Genome Project: constructions of scientific legitimacy. *Discourse & Society*, v. 15, n. 4, p. 409-432, 2004.

MEHAN, H. Beneath the skin and between the ears: a case study in the politics of representation. In: LEVINSON, B. A. U. et al (Eds.). *Schooling the symbolic animal: social and cultural dimensions of education*. Lanham, Maryland: Rowman & Littlefield, [1993] 2000.

_____. The discourse of the illegal immigration debate: a case study in the politics of representation. *Discourse and Society*, v. 8, n. 2, p. 249-270, 1997.

_____. NATHANSON, C. E.; SKELLY, J. M. Nuclear discourse in the 1980s: the unraveling conventions of the Cold War. *Discourse and Society*, v. 1, n. 2, p. 133-165, 1990.

_____. SKELLY, J. Reykjavik: the breach and repair of the pure war script. *Multilingua*, v. 35, n. 4, p. 363-383, 1988.

MONTEIRO, C. A. B. A informação mediada por meio da biografia de Edir Macedo: entre a formação discursiva e a ciência da informação. *Revista de Iniciação Científica da FFC*, Marília, v.10, n.1, 2010.

MOREIRA, A. P. *Estratégias discursivas de persuasão no discurso religioso da Igreja Universal do Reino de Deus: uma análise sistêmico-funcional*. 2009. Dissertação (Mestrado) - Centro de Educação e Humanidades, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro 2010.

MOURA, K. A. *“Buscai as coisas do alto”*: aspectos argumentativos e prosódicos no discurso religioso de Padre Léo. 2009. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Franca, Franca, 2009.

NATHANSON, C. E. The social construction of the Soviet threat. *Alternatives*, v. 13, p. 443-83, 1988.

NOFSINGER, R. E. Everyday conversation. *Interpersonal Commtexts*, v. 1. Newbury Park: Sage Publications, 1991.

NOVO papa. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Brasil, mar. 2013. Disponível em:< <http://teen.ibge.gov.br/en/noticias-teen/3350-novo-papa>>. Acesso em: 25 mar. 2013.

OLIVEIRA, S. E. de. *A Igreja Universal do Reino de Deus: uma análise de argumentação em perspectiva discursiva*.1998. Dissertação (Mestrado em

Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas 1998.

OLIVEIRA, W. C. de. *A IURD no Brasil: o discurso legitimador do bispo Edir Macedo*. Universidade Católica de Goiás – Departamento de História, Geografia, Ciências Sociais e Relações Internacionais, 2004.

ORLANDI, E. P. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas: Pontes, 1996.

PATRIOTA, K. R. M. P. et al. Fala que eu te escuto: o discurso midiático dos pastores da Igreja Universal. In: SEMINÁRIO DE TEMAS LIVRES EM COMUNICAÇÃO DA USP, 2006, São Paulo. Anais online... São Paulo, 2006.

PÊCHEUX, M. *Language, semantics and ideology: stating the obvious*. Londres: Macmillan, 1982.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PETEAN, A. C. L. O discurso religioso. *Philologus*, Rio de Janeiro, v. 35, p. 70-75, 2006.

RAMPTON, B. *Language in late modernity: interaction in an urban school*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, p.30-1.

REYES, A. Strategies of legitimization in political discourse: from words to actions. *Discourse & Society*, v. 22, n. 6, p. 781-807, 2011.

RODRIGUES, E. M. L.; FIGUEIREDO, M. F. O discurso religioso e a tríplice influência: argumentação, texto e prosódia. *Diálogos Pertinentes*, Franca, v. 4, p. 213-242, 2008.

SANTOS, G. C.; FIGUEIREDO, M. F. “Bola de Neve Church”: a mudança no discurso evangélico do Brasil. *Diálogos Pertinentes*, Franca, v. 5, 2009.

SCANELL, P. (Ed.). *Broadcast talk*. Londres: Sage Publication, 1991.

SCHEIBMAN, J. Local patterns of subjectivity in person and verb type in American English conversation. In: BYBEE, J.; HOPPER, P. (Eds.). *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam: Benjamins, 2001.

SCHUDSON, Michael. How culture works: perspectives from media studies on the efficacy of symbols. *Theory and Society*, v. 18, p. 153-180, 1989.

SEMINO, E. *Language and world creation in poetry and other texts*. Londres: Longman, 1997.

SHAPIRO, M. *The politics of representation*. Madison, WI: The University of Wisconsin Press, 1988.

SILVEIRA, M. O discurso da teologia da prosperidade em igrejas evangélicas pentecostais: estudo da retórica e da argumentação no culto religioso. 2007. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

SILVERSTEIN, M. “Cultural” concepts and the language-culture nexus. *Current Anthropology*, v. 45, p. 621-652, 2004.

SOUZA, M. T. de; ALVES, W. A religião na *media*: uma análise de discurso e argumentação do programa *Show da Fé*. *Estudos em Comunicação*, Universidade Federal de Juiz de Fora, n. 8, p. 193-218, 2010.

SWATOWISKI, C. W. Caminhos discursivos de Edir Macedo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28., 2005, Rio de Janeiro. Anais... São Paulo: Intercom, 2005.

THOMPSON, G. *Introducing functional grammar*. 2. ed. London: Edward Arnold, 2004.

_____. Resonance in text. In: SANCHEZ-MACARRO, A.; CARTER, R. (Eds.). *Linguistic choice across genres: variation in spoken and written English*. 29-63. Amsterdam: Benjamins, 1998. p. 29-63.

_____. THETELA, P. The sound of one hand clapping: the management of interaction in written discourse. *Text*, v.1, n. 15, p. 103-127, 1995.

THOMPSON, S.; HOPPER, P. Transitivity, clause structure, and argument structure: evidence from conversation. In: BYBEE, J.; HOPPER, P. (Eds.). *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam: Benjamins, 2001.

TORRESAN, J. L. A manipulação no discurso religioso. *Dialogia*, São Paulo, v. 6, p. 95-105, 2007.

TUSTING, K. et al. 'I know, 'cos I was there': how residence abroad students use personal experience to legitimate cultural generalizations. *Discourse & Society*, v. 13, n. 5, p. 651-672, 2002.

DIJK, J. A. G. M. van. *The network society, social aspects of new media*. London, Thousand Oaks, New Delhi: Sage, 1999.

_____. *Discurso, notícia e ideologia: estudos na análise crítica do discurso*. Porto: Campo das Letras, 2005.

_____. *Macrostructures: an interdisciplinary study of global structures in discourse, interaction, and cognition*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 1980.

_____. *News as discourse*. Hillsdale, NJ: L. Erlbaum Associates, p.84, 1988.

_____. KINTSCH, W. *Strategies of discourse comprehension*. New York: Academic Press, 1983.

VAN LEEUWEN, T. A representação dos actores sociais. In: PEDRO, E. R. (Org.). *Análise crítica do discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional*. Lisboa: Editorial Caminho, 1996.

_____. *Discourse and practice: new tools for critical discourse analysis*. New York, NY, USA: Oxford University Press, 2008, p.6.

_____. Legitimation in discourse and communication. *Discourse & Communication*, v. 1, n. 1, p. 91-112, 2007.

_____. WODAK, R. Legitimizing immigration control. A discourse historical analysis. *Discourse Studies*, v. 1, n. 1, p. 83-118, 1999.

VIGNER, G. Intertextualidade, norma e legibilidade. In: GALVES, C.; ORLANDI, E. P.; OTONI, P. (Orgs.). *O texto: escrita e leitura*. Campinas: Pontes, 1988.

WERTH, P. *Text worlds: representing conceptual space in discourse*. London: Longman, 1999.

WORTHAN, S.; LOCHER, M. Voicing on the news: an analytic technique for studying media bias. *Text*, v. 16, p. 557-585, 1996.

ZACARIOTTI, M. E. C.; BEZERRA, M. P. *O show, a graça e a mídia: análise do discurso do Programa do Descarrego*. Universidade Federal do Tocantins, 2007.

ANEXO A – ORAÇÃO

Edir Macedo

[Trecho 1] Em o nome do Senhor Jesus, meu Pai, nós, teus servos, estamos imbuídos dessa fé na construção do Teu Templo...um Templo que não será para a minha glória, nem para a glória da Igreja Universal...mas para a tua glória, meu Pai...porque ali pessoas do mundo inteiro virão ver o Templo, cuja arquitetura, o desenho arquitetônico foi feito por Ti.

[Trecho 2] Oh, Poderoso de Israel! É único em todo o mundo. Único! Ninguém...ninguém teve a ideia ou ousadia e coragem para fazê-lo. Nós tivemos, porque nós cremos na grandeza do Senhor...porque o Senhor é grande, coisas grandes tem que acontecer...oh, Poderoso de Israel.

[Trecho 3] Mas nós estamos numa situação delicada por conta da...das obras, nós precisamos de ouro, prata, bronze...nós precisamos, meu Deus, da mesma forma que Moisés precisou e também Salomão, nós também precisamos de condições econômicas, mas essas condições econômicas, meu Pai, não vão vir dos incrédulos, nem do Governo, nem de ninguém, ela vem do teu povo, o teu povo...mas para que o teu povo possa dar, ele precisa receber, então, meu Pai, nós oramos nesta certeza...nós oramos para que agora, nesse momento, o Senhor venha abençoar a vida econômica dessa gente.

[Trecho 4] Meu Pai, mesmo antes de terminar esse ano, nós queremos ver esses milagres acontecendo...nós queremos ver, meu Deus, o fruto da fé acontecendo na vida dessa gente. Nós queremos vê-la próspera...eu quero ver, meu Deus, o teu povo rico, próspero, abastado para que então a tua obra seja concluída. Meu Pai amado e querido eu te peço pelos dizimistas e ofertantes desta obra em todo o mundo, meu Senhor, onde quer que haja um dizimista e ofertante, ele tem direitos, ele tem direitos diante de Ti! Porque ele tem crido na tua Palavra, então tem que acontecer riquezas, tem que haver prosperidade, tem que haver portas abertas.

[Não analisado] O Senhor prometeu abrir as janelas dos Céus, então, meu Pai, que as janelas sejam abertas! Que as janelas sejam abertas! O Senhor prometeu repreender o Devorador, que o Devorador seja repreendido agora! Haja, meu Deus, prosperidade nesta casa! Haja riqueza nestas mãos, meu Deus, para que todos “a uma”venham construir este Templo para a Tua glória, meu Senhor, em o nome do Senhor Jesus Cristo nós te pedimos e agradecemos e todos que creem digam amém. Graças a Deus. Amém.

[Trecho 5] Então, preste atenção, por favor: os obreiros têm os envelopes dos dízimos. Você que vai, que quer o envelope do dízimo, você que quer começar o seu dízimo, ou que vai ser fiel a partir de agora desse ano, desse ano novo, por favor, pegue o envelope agora aí onde você está, eles vão levar. E se você não tem o envelope do dízimo, por favor, pegue aí agora, receba em nome do Senhor Jesus. Comece o ano é sendo fiel, temente a Deus nos seus dízimos.

[Trecho 6] Eu me lembro que...em Dezembro...é...de mil oitocentos e não sei o quê...(risos)...eu comecei a...eu determinei...(risos)...eu determinei ser eu dizimista...(risos)é...tô brincando...em mil...sei lá...hã...já faz, do tempo da...da onça, eu falei: esse ano de...que entra agora eu vou começar a ser dizimista e a partir daquele ano a minha vida começou a ser diferente, primeiro, em princípio começou ser abençoado espiritualmente...eu fui abençoado espiritualmente...e depois, com a cobrança veio a bênção econômica...graças a Deus! Isso tem que acontecer na sua vida também...amém?

[Trechos não analisados]

Você tá bem espiritualmente, você vai estar bem economicamente, nem se preocupe; se você está bem espiritualmente, você não se preocupa. Pode vim ameaças, pode vir...o diabo pode fazer das tripas coração, mas ele não vai tocar em você. Por quê? Porque você tá bem com Deus. É ou não é, pessoal? É lógico! Agora, se você está com um pé lá e outro cá, aí, meu caro, não tem garantia de nada...mas se você está com a sua consciência lavada...é ou não é? Poxa, eu to vivendo certo, ta tudo certinho comigo, eu to vivendo dentro do padrão da Palavra de Deus, há temor no meu coração, então, meu caro, não se preocupe com os reveses, não se preocupe com as ameaças satânicas, fique tranquilo porque você vai arrebentar...você vai arrebentar...você pode ...e mesmo que você não

faça assim: “tá ligado!”, falando tá ligado ou desligado, não interessa, você vai arrebentar, porque nós cremos nisso...nós temos orando pra vocês serem abençoados, pra serem ricos, e tem que acontecer isso para que o mundo veja que o Deus...que nós temos crido não é de pau, de pedra de metal. Amém.

O Espírito Santo, em nome do Senhor Jesus eu abençoo este povo. Meu Senhor...O Senhor não nos mandou levar palavras, histórias, conversas...o Senhor mandou profetizar, e eu to profetizando. Eu abençoo este povo... eu abençoo o povo da igreja Universal do Reino de Deus em todo o mundo, meu Pai. Onde quer que haja um membro fiel, temente a Deus, essa criatura seja abençoada, suas mãos sejam prósperas... haja riqueza na sua casa, haja abundância, meu Pai, ela seja como a videira frutífera, meu Deus, que venha multiplicar-se, meu Deus, e o mundo saiba que só o Senhor é Deus...e por conta disso, por conta dessa fé, dessa fidelidade do teu povo, meu Pai, o Senhor tem abençoado o trabalho da igreja, em nome do Senhor Jesus, meu Senhor, eu uso essa autoridade pra abençoar este povo...por onde quer que a nossa voz chegue é, chegue a tua bênção, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, e todos que creem digam: amém! Deus abençoe em nome de Jesus (aplausos e cântico).